



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS - IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

RONEI ALVES DE BRITO

O MOÇÁRABE: UMA APROXIMAÇÃO DIACRÔNICA AO ROMANDALUSINO

BRASÍLIA
2024

RONEI ALVES DE BRITO

O MOÇÁRABE: UMA APROXIMAÇÃO DIACRÔNICA AO ROMANDALUSINO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras, como requisito parcial à obtenção do Grau de Licenciado da Graduação no curso de Licenciatura em Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. María Carolina Calvo Capilla

RONEI ALVES DE BRITO

O MOÇÁRABE: UMA APROXIMAÇÃO DIACRÔNICA AO ROMANDALUSINO

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Carolina Calvo Capilla (LET/UnB)
(Orientadora)

Prof. Lic. Antonio Luiz da Silva Junior (LET/UnB)
(Membro)

Prof.^a Dr.^a María del Mar Páramos Cebey (LET/UnB)
(Membro)

BRASÍLIA
2024

Dedico este trabalho a todas as pessoas periféricas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha gratidão a todos os cientistas brasileiros, verdadeiros heróis que, apesar das inúmeras dificuldades, perseveraram em suas jornadas em prol do avanço científico.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Carolina Calvo, cuja inteligência e dedicação são verdadeiras fontes de inspiração.

Não posso deixar de expressar minha gratidão a todos os professores que, com amor e comprometimento, dedicam-se a manter a qualidade da educação pública brasileira. Seu esforço incansável não passa despercebido e é fundamental para o desenvolvimento das futuras gerações.

Por último, quero agradecer a minhas colegas de graduação Sarana, Thainá, Aylla e Grace, que estiveram presentes sempre que eu precisei. Não há adjetivos que possam qualificá-las. A sua amizade e seu apoio foram fundamentais para o meu percurso acadêmico, e sou profundamente grato por tê-las ao meu lado.

“O continente mãe
Todo o Atlântico assistia
Impiedosa travessia
Um oceano inteiro de agonia
Tantos passos me precedem
Quem fez desse o meu lugar?
Pois já estive aqui antes
Deixa eu me reencontrar”

(Black Pantera - Perpétuo)

RESUMO

Este trabalho consiste em uma aproximação diacrônica à língua moçárabe ou romandalusino, variedade do latim com influência do árabe, falada durante os séculos VIII e IX em Alandalus, a parte da Península Ibérica conquistada pelos árabes. A coexistência de muçulmanos, cristãos e judeus nesse território gerou um ambiente multicultural que nos serve como fonte de investigação sobre o contato e a mescla de línguas, culturas e religiões. O trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro, por meio de uma pesquisa bibliográfica, apresentam-se o contexto histórico do moçárabe através dos estudos de Cortázar (2005) e Núñez-méndez (2012); a convivência entre culturas em Alandalus por intermédio das obras de Pharies (2015) e Moreno Fernández (2015), também os fatores que levaram ao declínio e extinção dessa língua com o auxílio das pesquisas de Lapesa (1881). Além disso, descrevem-se as principais características da língua e seu testemunho mais conhecido, as *jarchas*, por meio dos estudos de Corriente (2005) e Ariza (2005). Também se explora a influência do árabe no castelhano e os arabismos (Cano Aguilar, 1988). Por fim, no segundo capítulo, propõe-se uma atividade sobre os assuntos analisados para as aulas de espanhol como língua estrangeira, visando desenvolver a competência intercultural nos estudantes.

Palavras-chave: moçárabe; Alandalus; interculturalidade; *jarchas*; arabismos.

RESUMEN

Este trabajo consiste en un acercamiento diacrónico a la lengua mozárabe o romandalusí, variedad del latín con influencia del árabe, hablada durante los siglos VIII y IX en Al-Ándalus, parte de la Península Ibérica, conquistada por los árabes. La coexistencia de musulmanes, cristianos y judíos en ese territorio generó un ambiente multicultural que sirve como fuente de investigación sobre el contacto y la mezcla de lenguas, culturas y religiones. El trabajo se dividió en dos capítulos. En el primero, por medio de una revisión bibliográfica, se presentan el contexto histórico del mozárabe a través de los estudios de Cortázar (2005) y Núñez-méndez (2012); la convivencia entre culturas en Al-Ándalus por medio de las obras de Pharies (2015) y Moreno Fernández (2015), también los factores que llevaron a la decadencia y extinción de esta lengua mediante las investigaciones de Lapesa (1881). Asimismo, se describen las principales características de la lengua y su testimonio más conocido, las jarchas por intermedio de los estudios de Corriente (2005) y Ariza (2005). Igualmente, se explora la influencia del árabe en el castellano y los arabismos (Cano Aguilar, 1988). Finalmente, en el segundo capítulo, se propone una actividad sobre los asuntos analizados para las clases de español como lengua extranjera, con el objetivo de desarrollar la competencia intercultural de los estudiantes.

Palabras clave: mozárabe; Al-Ándalus; interculturalidad; jarchas; arabismos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Problema e objetivos	10
1.2 Justificativa	11
2. METODOLOGIA	11
2.1 Natureza da pesquisa	11
2.2 Métodos	12
3. CAPÍTULO 1 – O MOÇÁRABE EM ALANDALUS: ÁRABE E ROMANCE NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	13
3.1 Contexto histórico	13
3.2 A convivência entre culturas em Alandalus	17
3.3 O moçárabe: genealogia do romandalusino.....	21
3.4 Declínio e extinção da língua	25
3.5 Registros e descrição da língua moçárabe	26
3.6 A influência da conquista árabe no castelhano: os arabismos	32
4. CAPÍTULO 2 - ATIVIDADE INTERCULTURAL	37
4.1 Natureza da atividade	37
4.2 Apresentação e descrição das atividades	38
4.3 Aplicação da atividade	40
5. CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	49

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende realizar uma aproximação diacrônica ao moçárabe ou romandalusino¹. Como mostra a etimologia da palavra “diacronia”, o termo procede da forma composta do grego *diá*, “através”, e *khrónos*, “tempo” (Diacronia, 2023), ou seja, trata-se de um estudo através do tempo do desenvolvimento da língua moçárabe, que nos permitirá observar e descrever os acontecimentos que levaram até seu declínio.

A história desta língua romance² começa na Península Ibérica (PI). Localizada numa encruzilhada entre Europa e África, entre o Mediterrâneo e o Atlântico, a PI foi cenário de invasões e peripécias com repercussão em diversas culturas ao redor do mundo. Numerosos povos viveram ali: iberos, celtas, fenícios, romanos e visigodos. Por tudo isso, o estratégico lugar se tornou culturalmente diverso e as heranças vindas dessas épocas longínquas seguem vivas.

Após a conquista romana e a subsequente invasão do povo germânico visigodo, no ano 711, os árabes ocupam a PI, que passou a ser chamada de Alandalus. Mesmo sendo um acontecimento relevante na história ibérica, e atrativo para os estudantes brasileiros de língua espanhola, costuma ser pouco conhecido e tratado nas aulas.

Nesse contexto, os árabes impõem uma nova religião, o Islã, uma nova língua, o árabe, e os cristãos hispano-godos, falantes de romance ibérico, se refugiam no norte da PI e logo empreendem um processo de retomada do território andalusino, a chamada Reconquista, durante o qual apareceram diferentes línguas, dentre as quais podemos destacar o espanhol e o português, que atualmente são faladas não apenas na PI, mas também na América, África e Ásia. No entanto, uma das línguas faladas nesse período histórico desapareceu com o tempo, como é o caso da língua moçárabe. Esse idioma romance foi utilizado por alguns povos, mas é associado principalmente aos cristãos durante o período da invasão árabe na PI. É válido ressaltar que essa língua, continuação do ibero romance falado na época visigoda, mudou o seu status de dominante, lugar que ocupou o árabe, passando o romance

¹ Denominação preferida atualmente e que explicaremos mais adiante.

² As línguas romances são as línguas derivadas do latim. Exemplos: português, espanhol, francês, italiano, moçárabe (romandalusino) entre muitas outras. Além desse nome, elas podem ser nomeadas também como línguas românicas, neolatinas ou latinas (Cano Aguilar, 1988, p.12)

para uma posição secundária, sendo usada fundamentalmente no âmbito doméstico. Ademais, é importante salientar que, além de fazer menção à língua, o termo moçárabe também serve para se referir aos cristãos que permaneceram sob o domínio árabe; de fato, essa palavra provém do árabe “*musta’rab*” traduzido como ‘arabizado’.

A permanência árabe na PI durou aproximadamente 8 séculos, dado que começou em 711 (séc. VIII) e finalizou em 1492 (séc. XV)³. Por essa razão, aconteceu um grande sincretismo que promoveu diversas mudanças tanto na cultura em geral como na língua em particular. O moçárabe, como fruto desse sincretismo, foi o que mais nos estimulou na escolha do tema; trata-se de uma variedade linguística que pode ajudar a entender a evolução das línguas românicas da PI, já que é um ancestral comum desses idiomas. Além disso, traz consigo a questão da convivência dos povos cristãos e muçulmanos, a qual pode fornecer lições valiosas sobre a interculturalidade tão presente no mundo atual. Contudo, é relevante destacar que não existem muitos testemunhos escritos nesse idioma, sendo o mais conhecido as “*jarchas*”, versos romances escritos com grafia árabe que fecham poemas em árabe clássico chamados *moaxajas*.

1.1 Problema e objetivos

A partir desse contexto, neste estudo será analisada a língua moçárabe e seus registros, assim como as circunstâncias em que se desenvolveu desde a invasão árabe da PI até a sua desapareição. Com base no problema apresentado, os objetivos específicos da pesquisa são os seguintes:

- explicar o contexto histórico do moçárabe;
- analisar a convivência entre culturas em Alandalus;
- examinar os fatores que levaram ao declínio e extinção dessa língua;
- descrever as principais características do moçárabe e seus testemunhos, as *jarchas*;
- explorar a influência de Alandalus no castelhano e os arabismos;
- desenvolver uma atividade para as aulas de espanhol como língua estrangeira (LE) que permita introduzir os estudantes ao tema do moçárabe.

³ Ao longo desses oito séculos, a área ocupada pelos árabes foi diminuindo até que, no século XII, restou apenas o reino de Granada.

1.2 Justificativa

O trabalho apresenta um contexto de convivência multicultural, assunto este cada vez mais estudado em relação ao ensino-aprendizagem de língua estrangeira (LE). A cultura é considerada hoje como parte fundamental dos cursos de idiomas. De fato, como aponta Rotaetxe Amusategui (1992, p. 68), sem língua também não pode haver cultura, pelo menos não da forma que se conhece. Isto é, do mesmo modo que a competência sociocultural é necessária para aprender uma língua, a língua é o instrumento que nos permite transmitir a cultura para as gerações futuras.

Nesse sentido, levar a cultura e a língua moçárabe às aulas de espanhol para brasileiros pode ser considerado um meio de desenvolver essa competência sociocultural necessária para atingir a competência comunicativa. Além disso, aporta informações valiosas a respeito da influência árabe no léxico romance. Dado que o destaque aqui será principalmente para o espanhol, é válido salientar que, de acordo com Corriente (2005, p. 203), os arabismos encontrados no léxico espanhol chegam a um mínimo de 2000, número que Núñez-Méndez (2012, p. 22) aumenta até 4000. Estes termos são marcas culturais daquela época visíveis através da língua.

2. METODOLOGIA

Nesta seção, direcionamos nosso foco à descrição detalhada das escolhas metodológicas realizadas para guiar este trabalho. Para começar, explicaremos a natureza da pesquisa, destacando seus principais objetivos e contextos. A seguir, apresentaremos os métodos empregados em cada uma das partes do trabalho, teórico na primeira e aplicado na segunda, fornecendo um panorama completo do processo de pesquisa.

2.1 Natureza da pesquisa

O objetivo deste trabalho é proporcionar um conhecimento estruturado sobre a língua e a cultura moçárabe aos professores de espanhol, de forma que possam levar às aulas um aspecto pouco conhecido da cultura espanhola, mas singular e atrativo para os estudantes. Desse modo, podemos classificá-la como uma pesquisa

exploratória, que permite “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41).

Além disso, o próprio Gil (2002, p. 44) aponta que nesse tipo de investigação é comum haver levantamentos bibliográficos, como acontece no presente estudo. A pesquisa bibliográfica como método de pesquisa é a mais adequada quando se trata de temas históricos que não são possíveis pesquisar diretamente (Gil, 2022, p. 45). No caso desta investigação, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica da história da PI medieval e a invasão árabe, para chegar até a língua moçárabe e descrever seu desenvolvimento e declínio.

Na segunda parte do trabalho, será apresentada uma atividade que permite a aplicação prática dos conhecimentos proporcionados pela primeira parte da pesquisa. Trata-se de levar à sala de aula uma visão intercultural, ligada à valorização e à promoção da diversidade cultural, tão presente no período histórico aqui contemplado (Almeida Filho, 2022, p.115).

De fato, como explicam Miquel López e Sans (2004, s. p.), língua e cultura são inseparáveis. A competência intercultural faz parte da competência comunicativa e devem ser desenvolvidas conjuntamente. Dessa forma, os estudantes serão capazes de decodificar e interagir nas situações de contato com falantes da língua que está sendo aprendida.

2.2 Métodos

Na primeira parte do trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2002, p. 44). Nesse viés, foram selecionados textos básicos (livros e artigos) de importantes pesquisadores que são referências no assunto, como Federico Corriente, Rafael Lapesa, Rafael Cano Aguilar, Eva Núñez Méndez, David Pharies, entre outros.

Essa pesquisa teórica nos proporcionou os dados necessários para desenvolver, na segunda etapa do trabalho, uma atividade sobre o tema abordado. Através dela, os alunos terão uma introdução ao período histórico no qual se desenvolveu a língua moçárabe e as *jarchas* romandalusinas. Igualmente, conhecerão a importância de Alandalus e sua influência na língua espanhola através dos arabismos. De fato, a Idade Média ibérica se mostra adequada para levar os

estudantes a uma reflexão sobre a diversidade cultural presente nessa época de contato entre línguas e culturas.

Dessa forma, a atividade será realizada utilizando o enfoque intercultural, o qual, como explica Benito (2009, p. 493), permite aos estudantes de língua estrangeira desenvolver valores e atitudes de reconhecimento das culturas estudadas. Em outras palavras, além de aprenderem sobre a cultura e a língua, trabalharão a empatia e o respeito às particularidades de cada cultura, em suma, à diversidade.

3. CAPÍTULO 1 – O MOÇÁRABE EM ALANDALUS: ÁRABE E ROMANCE NA PENÍNSULA IBÉRICA

Neste primeiro capítulo, será abordado o contexto histórico que levou ao desenvolvimento do moçárabe e como foram as relações entre as comunidades cristãs e muçulmanas durante o período da invasão árabe à Península Ibérica. A seguir, nos ocuparemos da família linguística da língua moçárabe e das condições que provocaram seu declínio e desaparecimento. Também serão apresentadas as influências que esse acontecimento histórico teve sobre as línguas romances ibéricas, em especial para o espanhol. Para finalizar, serão apresentados os principais testemunhos históricos da língua moçárabe.

3.1 Contexto histórico

Para entender o moçárabe, temos que, primeiramente, compreender a história da PI, pois o desenvolvimento dessa língua está relacionado ao período em que os árabes conquistaram esse território e se estabeleceram como novo poder dominante a partir de 711, ano da invasão. Após a sua chegada, rapidamente estenderam seu domínio e, em apenas sete anos, foram capazes de controlar grande parte da PI e deram a ela o nome de Alandalus (Cortázar, 2005, p. 239). Como aponta Toro Lillo (2006, p. 49), a sequência da ocupação inicial foi a seguinte: “Écija, Jaén, Sevilha, Mérida e Toledo (713), Saragoça (714) e a região da Catalunha (716-719)” (Tradução nossa)⁴.

Segundo Elía (1996, p. 2), o exército árabe estava composto por aproximadamente sete mil homens, e quem os guiava era o general conhecido como

⁴ “[...]Écija, Jaén, Sevilla, Mérida y Toledo (713), Zaragoza (714) y la zona de Cataluña (716-719)”

Tariq ibn Ziad. É válido destacar que essa tropa estava formada não somente por árabes (que controlavam os vales do Ebro e do Guadalquivir), mas também por berberes⁵, os quais se concentravam nas áreas montanhosas do Norte (Cortázar, 2005, p. 239).

Apesar de terem conseguido se apropriar de grande parte da PI visigoda, não tiveram êxito na zona Norte da PI, na cordilheira Cantábrica, como indica Núñez-Méndez (2012, p. 22). É aí que se refugiam os cristãos hispano-godos e empreendem uma guerra contra os árabes de Alandalus, longo processo que acaba com a desapareção da presença árabe na península e o domínio cristão. Este processo é conhecido como Reconquista⁶.

É necessário lembrar que a PI sempre se caracterizou pela diversidade cultural e linguística. Antes dos árabes, outros povos já haviam ocupado a região (celtas, fenícios, romanos, visigodos). Quando chegaram os árabes, a Península estava dominada pelos visigodos, que tinham se incorporado à cultura hispano romana e à religião católica, maioritária entre os hispano-godos (Núñez-Méndez, 2012, p. 20; Lapesa, 1981, p. 129).

Corriente (2005, p.185) descreve como essa herança hispano-visigótica, do derrotado reino de Toledo, foi aos poucos perdendo espaço e a população começou a adotar os costumes e a religião dos novos conquistadores, o Islã. O autor argumenta que os cristãos passaram para uma posição minoritária, bem tolerados, mas que não estavam livres de possíveis intimidações. Em consequência disso, alguns fugiram para partes da PI não ocupadas pelo poder islâmico mais ao norte.

Por outro lado, Páramo de Vega (2011, p. 161) afirma que a aculturação aconteceu pacificamente, devido à situação de desenvolvimento do Islã:

No século VII o Islã ainda não está totalmente configurado devido ao seu nascimento recente. Não se apresenta como uma religião diferente das

⁵ Os berberes são populações norte-africanas, que têm língua e cultura própria e se incorporaram às tropas islâmicas, se convertendo à religião. Apesar de tudo isso, até hoje continuam como comunidades diferenciadas, as quais têm língua própria e estão localizadas nas comunidades árabes ao Norte da África. (El Fasi, 2010 p. 8). Mais informações: livro História Geral da África • III África do século VII ao XI.

⁶ O autor Kamen (2009, p. 26 e 27) questiona em seu livro, *Breve História de Espanha*, a utilização do termo reconquista para uma “guerra” que se estendeu por oito séculos. Ele explica que, ainda que os cristãos considerassem justo seu desejo de recuperar aquelas terras, a população árabe também esteve residindo na PI por séculos. Por esse motivo, ele argumenta que essa ideia precisa ser “relativizada”. Inclusive, os reinos cristãos que levam a cabo a reconquista, não existiam em 711, quando inicia a invasão, mas surgiram ao longo dos séculos IX e X. Por esse motivo, seria mais uma conquista do que uma retomada.

outras monoteístas e reconhece judeus e cristãos como “gente do livro”, já que as três crenças compartilham o Antigo Testamento e alguns profetas. (Páramo de Vega, 2011, p. 161, tradução nossa)⁷.

A autora ainda acrescenta que a população recebeu bem a religião dos conquistadores, pois não eram obrigados a se converterem, podendo seguir com sua fé desde que pagassem um tributo aos árabes. De fato, a conquista foi facilitada pelos pactos acordados entre os invasores e os nobres visigodos que, após sua conversão, permitiram a estes últimos manterem possessões e prerrogativas. Desta forma, ambos os grupos eram beneficiados (Páramo de Vega, 2011, p. 35).

Nesse mesmo viés, têm autores como Elía (1996, p. 4) que chegam a afirmar que a atitude da população hispano-goda durante a conquista foi mais próxima à “cumplicidade” que de fato a uma oposição violenta. Para Pharies (2015, p. 49), se trata de “pouca resistência”. Além disso, Pharies ressalta que o exército de árabes e muçulmanos berberes era composto por homens, os quais tinham chegado ali sem esposas e por esse motivo, ao longo do tempo, foram havendo casamentos mistos que levaram à miscigenação e permitiram a manutenção da língua romance falada no reino visigodo.

Em meio ao contexto multicultural⁸ da PI, os cristãos arabizados, mas que seguiram conservando sua religião, receberam o nome de “moçárabes”, como aponta Páramo de Vega (2011, p. 166). No mesmo sentido, Lapesa (1981, p. 130) esclarece que a população denominada moçárabe foi a primeira a experimentar a influência dos conquistadores, dado que muitas vezes utilizavam o idioma árabe. O autor ainda frisa que os moçárabes costumavam utilizar nomes provenientes da cultura árabe: “Nos séculos X e XI abundavam em Leão e Castela nomes como *Abolmondar*, *Moldrrafe*, *Ziti*, *Abohamor*” (Lapesa. 1981, p. 130, tradução nossa)⁹.

Em razão disso, é possível afirmar que eles eram um povo bilíngue e que transitavam entre as duas culturas, a cristã hispano-romance e a árabe muçulmana. Esse processo é algo frequente na história da humanidade. Por exemplo, no livro *A Heresia dos Índios*, Ronaldo Vainfas (1995, p. 141) relata que, na época do Brasil

⁷ “En el siglo VIII el Islam no está todavía totalmente configurado debido a la cercanía de su nacimiento. No se presenta como una religión diferente a las otras monoteístas y reconoce a judíos y cristianos como “gentes del libro”, ya que las tres creencias comparten el Antigo Testamento y algunos profetas”.

⁸ Tanto Corriente (2005, p.186), como Páramo de Vega (2011, p. 165) mencionam a coexistência de cristãos, judeus e muçulmanos na época, e, portanto, podemos falar de multiculturalismo na PI medieval.

⁹ “En los siglos X y XI abundaban en León y Castilla nombres como *Abolmondar*, *Moldrrafe*, *Ziti*, *Abohamor*.”

colonial, os mestiços de brancos com indígenas eram chamados de mamelucos¹⁰ e eles foram retratados como “ambivalentes” por terem costumes tanto dos brancos, o idioma, quanto dos indígenas, o conhecimento da mata.

Contudo, alguns pesquisadores, como Barceló (1997, p. 255), consideram que os usos do termo “moçárabe” têm sido “abusivos”. De fato, o vocábulo moçárabe foi documentado em Toledo após o século XI e era utilizado para se referir aos cristãos que tinham convivido na cidade com os muçulmanos. A partir daí, tem sido utilizado pela Igreja Católica para nomear liturgias anteriores ao século XI e a música utilizada nelas, assim como pelos historiadores da arte para se referirem às igrejas com elementos de estilo árabe e na Literatura para aludir aos versos finais de poemas em árabe, as *jarchas*. Em suma, para a autora o termo seria:

adequado para definir e caracterizar coisas e pessoas influenciadas pela cultura árabe: mas não é para fazer distinção entre cristãos (livres e inovadores no Norte, submetidos aos árabes no Sul) ou entre línguas românicas (mais evoluídas e limpas no Norte, mais primitivas e contaminadas no Sul). É também um termo muito inapropriado e tendencioso como referência à imutável “essência do ser espanhol”. (Barceló, 1997, p. 257, tradução nossa)¹¹.

Ela também questiona que o vocábulo “moçárabe” seja utilizado para se referir ao idioma falado pela comunidade moçárabe, dado que muitos povos, independente da religião, falavam essa língua e não somente os cristãos. Nesse sentido, Corriente e outros autores, ao se referirem à língua, preferem utilizar a denominação romandalusino ou romance andalusino¹².

Dando continuidade à história da invasão árabe da PI, juntamente com toda a bagagem cultural e religiosa, chegou também seu idioma, o árabe, pertencente à família das línguas semíticas e tipologicamente muito diferente das línguas romances de origem indo-europeia. As consequências sociolinguísticas da invasão foram muito significativas. De acordo com Pharies (2015, p. 49), essa presença da “língua árabe

¹⁰ Vainfas (1995) menciona que a palavra mameluco também foi usada na época do Portugal medieval para se referir aos mestiços de árabes com portugueses. Ela significa “escravo/criado” e vem do árabe *mamluk*.

¹¹ “[...] adecuado para definir y caracterizar cosas y personas influidas por la cultura arábica; pero no lo es para hacer distingos entre cristianos (al Norte libres e innovadores; al Sur sometidos a los árabes y conservadores) ni entre lenguas románicas (al Norte más evolucionadas y limpias; al Sur más primitivas y contaminadas). Es, además, término muy poco apropiado y tendencioso como referente de la inmutable «esencia del ser español»”.

¹² Utilizamos romandalusino e romance andalusino como traduções ao português do espanhol *romandalusí* e *romance andalusí* a partir do estudo de Oliveira e Maranhão (2011, p. 238).

durante um período tão longo transforma a fisionomia linguística da Península Ibérica e afeta profundamente a natureza da língua espanhola” (tradução nossa)¹³.

Corriente (2005, p.186) lembra dos diversos povos que tinham habitado a PI e explica essas mudanças que aponta Pharies (2015) como resultados dos diversos contatos linguísticos acontecidos. O autor explica que na PI havia línguas pré-romanas, o latim, os dialetos visigodos, o árabe e a variedade berbere. Nesse contexto de contato linguístico surge a língua moçárabe, variedade romance que, como já foi mencionada anteriormente, também recebe o nome de romanandalusino¹⁴. É interessante enfatizar que, na chegada dos árabes, a população hispano-goda tinha como língua o latim, a variedade “alta” para a escrita e as situações mais formais da vida pública, e a variedade “baixa” para a oralidade nos contextos coloquiais e a vida familiar, isto é, a diglossia¹⁵ já existente na época do império romano (Pharies, 2015, p.35). Segundo Corriente (2005, p.186), o contato entre a variedade romance oral e o árabe influenciado por dialetos berberes têm como resultado essa variedade romance, o romanandalusino (moçárabe).

3.2 A convivência entre culturas em Alandalus

Como foi visto, na PI medieval conviviam vários povos de diferentes religiões, sendo essa uma das fontes mais habituais de conflito. Os ocupantes árabes tinham como religião o Islã, enquanto os habitantes da PI, a grande maioria, era cristã e uma outra parcela menor judia. Moreno Fernández (2005, p. 65) esclarece que, para os fiéis muçulmanos, o principal foco era expandir a crença, ainda que fosse necessário lutar contra os que não tinham o Islã como religião. Conforme avançava a expansão desse império, os politeístas e infiéis eram obrigados a se converterem ao Islã, entretanto, cristãos e judeus inicialmente foram respeitados, por serem considerados “gentes do livro”. De fato, o Islã, o cristianismo e o judaísmo são as três grandes religiões monoteístas que possuem livros sagrados (Alcorão, Bíblia e Torá

¹³ “La presencia de un abundante número de hablantes de árabe durante un período tan prolongado transforma la fisionomía lingüística de la Península y afecta profundamente a la naturaleza de la lengua española.”

¹⁴ Ariza (2005, p. 207) chama a atenção quanto ao uso da expressão “moçárabe”, já que é uma nomenclatura antiga, não mais utilizada por alguns autores como Corriente (2005). Dessa forma Ariza (2005) opta por utilizar “romanandalusino ou romance andalusino”, ambas retratam a mesma língua e são sinônimos utilizados por grandes escritores do tema para se referir à língua moçárabe. Neste trabalho, utilizamos com frequência a nomenclatura “moçárabe” por ser a mais conhecida.

¹⁵ Esse termo será conceituado e explicado detalhadamente mais adiante no tópico sobre a genealogia do romandalusino.

respectivamente) os quais compartilham parte da “verdade revelada” e alguns profetas.

Tanto Pharies (2015, p. 49) como Moreno Fernández (2005, p. 65) explicam que cristãos e judeus tinham “autonomia interna” motivo pelo qual pagavam um imposto chamado *jizya*. Como detalha Chiara (2022, p. 141), este tributo pretendia suprir a falta de participação de cristãos e judeus no exército e, dessa forma, adquiriam o status de *dhimmis* ou protegidos pelo Estado.

A respeito da comunidade judia, de acordo com Moreno Fernández (2015, p. 49-50), pode ser encontrada na PI a partir do século IV. Com os visigodos gozavam de boas condições, embora na parte final desse período foram mais controlados pela, cada vez mais estrita, ortodoxia cristã dos visigodos. Com a chegada dos muçulmanos, recuperaram uma boa situação econômica e social, especialmente durante o período de governo islâmico chamado califado de Córdoba entre os séculos X e XI. Além disso, sua língua, o hebreu, teve contato com o árabe e os romances hispanos, fazendo parte do panorama linguístico e cultural da PI. Assim, os judeus contribuíram com seus conhecimentos em diversos campos, como o artesanato e a medicina, por exemplo (Montalvo, 2000, p. 26).

Já os moçárabes, geralmente localizados nas cidades, trabalhavam com comércio e artesanato. Como acrescenta Dias (2010, p.123), apesar de pagarem o imposto aos conquistadores, sofriam algumas intimidações através de controles em seus ritos. Por exemplo, durante suas celebrações religiosas, as portas não podiam ficar abertas e quaisquer símbolos religiosos não deviam ficar à mostra. Ademais, não podiam reformar as igrejas nem construir novas. Com frequência, as já existentes eram utilizadas como hospedagem por parte dos soldados muçulmanos ou apreendidas para construir suas mesquitas. Além disso, qualquer cerimônia religiosa no exterior devia ser silenciosa e não chamar a atenção da população.

Como resultado destas e outras dificuldades, um número elevado de cristãos se converteu ao Islã e adotou a cultura árabe. Ao mesmo tempo, muitos muçulmanos foram hispanizados devido aos matrimônios com mulheres hispano-visigodas (Dias, 2010, p. 123). Essa influência é mútua, mas também desigual, já que existe uma relação de dependência na qual um dos grupos, neste caso os árabes, é dominante e ostenta o poder. Esse mesmo fenômeno aconteceu na América colonial e foi nomeado por Vainfas (1995, p. 148) como “aculturação avessa”. Refere-se aos europeus que se “indianizavam”, ou seja, ao mesmo tempo que impunham sua cultura aos nativos

nas Américas, recebiam de volta influência destes últimos, dos quais dependiam para evitarem acidentes mortais causados por animais, ou até mesmo para atravessar as florestas.

Mas voltando à PI, Dias (2010, p.123) assinala que, aos poucos, a relação entre as comunidades foi se desgastando e os moçárabes foram se aproximando dos cristãos do Norte, que fugiram para lá no início da invasão árabe.

Em relação aos muçulmanos, existia uma marcante diversidade social e étnica. Como Moreno Fernández (2005, p. 65) aponta, entre os soldados invasores se encontravam sírios, egípcios, árabes¹⁶ e os berberes. Além deles, os maulas¹⁷, clientes dos árabes, e os muladies, que era o nome dado aos povos hispano-godos que deixaram suas crenças e assumiram o Islã como religião.

Toda esta diversidade acabou, segundo Moreno Fernández (2005, p. 65), levantando conflitos e revoltas ao longo da história de Alandalus. Entretanto, o idioma e a cultura árabe foram muito influentes juntamente com a religião muçulmana, a qual demonstrara força e “poder unificador” (Moreno Fernández, p. 66).

Conforme Toro Lillo (2006, p. 50), no século XI começou a divisão de Alandalus com a desintegração do califado de Córdoba (929-1031) em diversos reinos chamados de Taifas (1031-1492) —descritos por Moreno Fernandez (2005, p. 115) como pequenos “principados”. Dentre eles, os que mais tiveram notoriedade foram: Granada, Saragoça, Toledo, Murcia, Valencia, Sevilha e Badajoz. Toro Lillo (2006, p. 50) ainda acrescenta que a fragmentação provocou um enfraquecimento nas forças muçulmanas e estimulou os cristãos a conquistarem o reino de Toledo (1085). Desta forma, a boa convivência entre culturas diminui ainda mais.

Antes que aumentasse o retrocesso do poder muçulmano na PI, as taifas solicitaram ajuda aos Almorávidas (1086-1140) primeiro e, mais tarde, aos Almôadas (1140-1214), dinastias berberes muçulmanas do Magreb (região norte-africana). Em ambos os casos, tratava-se de fundamentalistas com uma visão muito rígida do Islã e dispostos a defender as terras andalusinas dos ataques dos adversários cristãos (Toro Lillo, 2006, p. 50). De acordo com Páramo de Vega (2011, p. 169), a situação de

¹⁶ Para Moreno Fernández (2005, p. 66), o gentílico “árabe” se refere aos originários da Arabia. É importante compreender que este termo está relacionado à etnia, enquanto a palavra “muçulmano” é relativa à religião, como aponta Costa (2016, p. 8 - 38). Atualmente, árabe “faz referência ao grupo étnico falante da língua árabe que habita a região do Oriente Médio e se identifica com esta cultura” (Costa, 2016, p. 8).

¹⁷ De acordo com Guzmán (2003, p. 176) os povos maulas ou mawalis eram de outras culturas, normalmente persas convertidos ao Islã.

cristãos e judeus piorou com a chegada das forças norte-africanas, cuja tolerância com outras crenças era restrita. Inclusive, um dos primeiros líderes almôadas ordenou a conversão obrigatória dos infiéis cristãos e judeus, ou a sua saída de Alandalus. Dessa forma, muitos moçárabes, foram intimidados e tiveram que fugir para os territórios da PI governados por cristãos (Toro Lillo, 2006, p. 50).

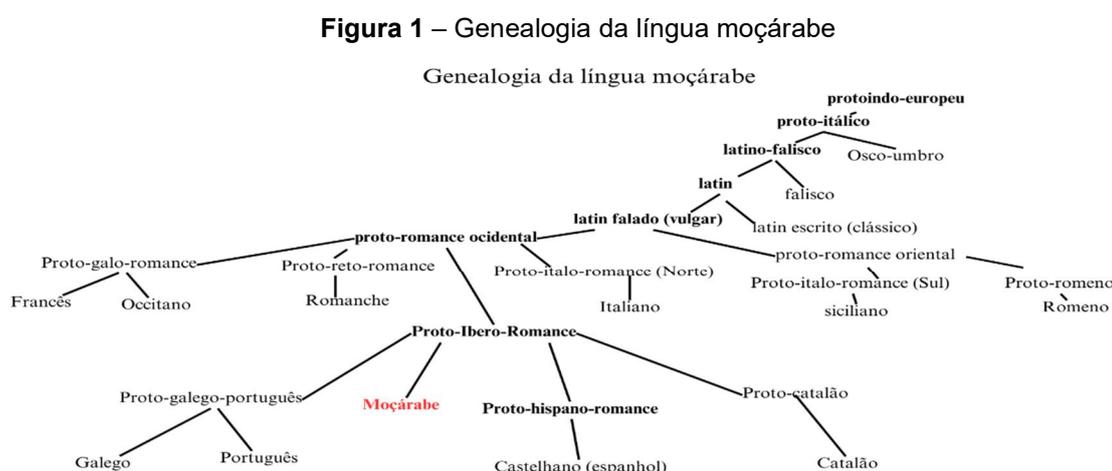
Em 1212, o poder islâmico, nas mãos dos Almôadas, enfraqueceu mais ainda, com a derrota na batalha de Navas de Tolosa, acontecimento que descortinou o avanço da reconquista da PI por parte dos cristãos. Essa mesma batalha fez com que a dinastia Almôada, em 1224, fosse dissipada. Além disso, conforme os cristãos iam avançando com a conquista, as taifas foram aos poucos sendo eliminadas. O reino de Granada foi o único que se manteve da segunda parte do século XIII até 1492, quando foi apossado pelos Reis Católicos (Toro Lillo, 2006, p. 50-51).

De acordo com Vilar (2013, p. 12), a partir do século XV, a convivência entre as três culturas entra em crise definitivamente, pois os Reis Católicos assumem os receios da igreja católica e dos cristãos em geral diante das possíveis ameaças ao cristianismo por parte de judeus e muçulmanos. A PI, já reconquistada pelos cristãos e que outrora era lugar de diversidade cultural e religiosa, passou a ser dominada por um sentimento de unidade, restrito à fé cristã. No entanto, como Vilar (2013, p. 12) explica, a desconfiança entre as três comunidades não começou com os Reis Católicos. Já no século XIV, a posição de poder econômico dos judeus e a habilidade agrícola e artesã dos árabes provocavam a “inveja das classes populares de linhagem cristã” e a perseguição dessas comunidades. Em 1492, após a conquista de Granada e a criação da Inquisição, a situação se agravou e os judeus foram expulsos nesse mesmo ano. A respeito dos árabes, chamados de mouriscos¹⁸, inicialmente foram protegidos pelo tratado de capitulação de Granada, que lhes concedia o direito de conservar sua religião e seus bens. No entanto, o tratado foi logo desrespeitado e, finalmente, também os conversos foram expulsos entre 1609 e 1611. Assim, o novo país surgido da união dos cristãos, Espanha, completa seu “exclusivismo religioso” (Villar, 2013, p. 12).

¹⁸ De acordo com o dicionário da Real Academia Espanhola (RAE), “mouro” vem do latim, “maurus” “mauritano”, que deriva do grego, “maûros”, e significa escuro/preto, fazendo referência à tonalidade da pele. Já “mourisco” é utilizado para designar a população muçulmana, que ainda habitavam a PI após a Reconquista. Segundo o dicionário da RAE, “mourisco” vem de “mouro” + isco, e esse sufixo, quando está ligado a um adjetivo, detém sentido pejorativo.

3.3 O moçárabe: genealogia do romandalusino

O romandalusino faz parte da família indo-europeia cuja origem se encontra no protoindo-europeu¹⁹. Dele provém sete ramos e um deles é o itálico, dentro do qual surge o latim; a partir dele evoluíram as chamadas línguas romances: espanhol, catalão, romeno, francês, occitano, siciliano, asturiano, italiano, português, galego, sardo, romanche e moçárabe (romandalusino).



Fonte: Adaptado de Pharies (2015)

Através da árvore genealógica apresentada na Figura 1 é possível observar que as línguas romances são continuações do latim do qual provém a maior parte do seu vocabulário (Garcia, 2000, p. 18). Com o moçárabe não seria diferente, já que “é uma das variedades romances que evoluíram diretamente do proto-ibero-romance, no mesmo plano que o galego-português, o hispano-romance e o proto-catalão” (Pharies, 2015, p. 35, tradução nossa)²⁰.

Os eventos que se destacam como cruciais na história linguística da Espanha e que possibilitaram o desenvolvimento do romandalusino foram três invasões: a romana, a visigoda e a árabe. Como relata Núñez-Méndez (2012, p. 12), a PI foi ocupada pelos romanos a partir do ano 218 a.C. e eles impuseram a sua cultura e a sua língua, o latim. Isso transformou completamente o território, uma vez que os povos pré-românicos foram, gradualmente, adotando costumes, instituições, arte e cultura

¹⁹ O prefixo “proto-” indica que se trata de uma língua que não se tem registro, recriada por meio do método comparativo aplicado nas línguas conhecidas derivadas dela.

²⁰ [...] el moçárabe es una de las variedades románicas que evolucionan directamente del proto-ibero-romance, en el mismo plano que el gallego-português, el hispano-romance y el catalán.

em geral. Esse processo é conhecido como romanização. Paralelo a ele, consoante Pharies (2015, p. 45), ocorreu a latinização: o latim substituiu as línguas faladas até esse momento, com exceção da língua basca (euskera) falada no Norte da PI. Devido à conquista e à romanização, os habitantes locais logo cederam a utilizar o latim, uma vez que havia benefícios ao falarem o mesmo idioma dos ocupantes. Dessa forma, eles poderiam fazer parte da nova estrutura trazida pela cultura conquistadora. Assim, começou um extenso estágio de bilinguismo que acabou em um novo monolinguismo na nova língua imposta: o latim.

Esse processo de transformação linguística acontece ao longo do tempo. As gerações mais jovens vão se adaptando e optando cada vez mais pela língua de prestígio e deixando a língua tradicional. Quando morre a última geração de falantes, que utilizam apenas o idioma tradicional, desaparece com ela a necessidade de manter o bilinguismo. Isso indica que, com o tempo, a língua tradicional deixa de ser relevante e útil, gerando uma transição completa para a língua de prestígio. (Pharies, 2015, p. 45).

Vale lembrar que o latim que chegou a PI já era fragmentado. Pharies (2015, p. 59) explica que no período latino pós-clássico, de 14 a.C. até 200 d.C., o Império Romano ocupa todo o Mediterrâneo e sua literatura se propaga por toda Europa e Norte da África. A expansão do latim teria resultados mais à frente no período nomeado como “período tardio”, de 200 d.C. até 600. Durante essa época, o latim provavelmente acelera o seu processo de fragmentação que aumenta a distância entre língua escrita e falada (variedade diafásica) e as diferentes formas utilizadas em cada região (variedade diatópica). Isso é devido a “fatores como a presença de línguas indígenas, o grau da romanização, a classe social e a procedência geográfica dos colonizadores romanos e o maior ou menor isolamento” (Pharies, 2015, p. 45, tradução nossa) ²¹.

Ao longo da sua história, o latim escrito se distanciou do latim falado, desenvolveu processo chamado de diglossia, que Pharies define como:

uma variante do bilinguismo, em que uma pessoa ou comunidade linguística utiliza duas variedades de uma mesma língua: uma (a variedade “alta” da língua) para as situações mais formais da vida pública como a educação e a

²¹ “[...] factores como la presencia de lenguas indígenas, el grado de romanización, la clase social y procedencia geográfica de los colonizadores romanos y el mayor o menor aislamiento”.

literatura; a outra (a variedade “baixa”) para os contextos mais coloquiais como a vida familiar. (Pharies, 2015, p. 35, tradução nossa)²².

Por essa separação, ocorreu que o latim culto (variedade alta) estacou, enquanto o latim vulgar²³ (variedade baixa), que foi influenciado mais tarde pelas invasões germânicas (409) e árabe (711), seguiu se desenvolvendo e se distanciando até dar origem às chamadas línguas romances (Lapesa, 1981, p. 69). As provas para a existência desse latim vulgar são as escritas visigodas encontradas em peças de ardósia (*pizarras*) dos séculos VI a VIII. Essa variedade latina “apresenta estruturas sintáticas e modificações léxicas que são um prelúdio do que seria o proto-romance que deu lugar ao nosso idioma” (Mellado Rodríguez, 2018, p. 122, tradução nossa)²⁴.

A respeito das invasões germânicas, Núñez-Méndez (2012, p. 18-19) aponta que a PI foi invadida por vândalos, suevos, alanos e visigodos, sendo estes últimos que conseguiram dominar toda a PI e implantar um reino que dura até a conquista árabe (entre 507 e 711). Dos povos mencionados, o que mais teve contato com os romanos foi precisamente o visigodo, daí que a PI durante sua dominação fosse muito semelhante à época romana. De fato, de acordo com Pharies (2005, p. 48-49), por serem minorias e de cultura muito distinta, eles não conseguiram transmitir seu idioma à população local. Foram eles os latinizados, chegando a abandonar seu idioma e a utilizar o latim em seus documentos oficiais; pode-se afirmar que a língua gótica sumiu no século VII. Em suma, durante o período visigodo, o latim vulgar se fortaleceu e teve influência da língua gótica, restringida ao “léxico relacionado a termos jurídicos, guerreiros e militares, também em alguns topônimos e antropônimos latinizados” (Núñez-Méndez, 2012, p. 19, tradução nossa)²⁵. Contudo, houve mais influência germânica no latim (no geral) do que especificamente visigoda. Assim, existem muitos germanismos comuns na maioria das línguas romances atuais (Pharies, 2015, p. 48; Núñez-Méndez, 2012, p.19).

²² “ [...] variante del bilingüismo en la que una persona o comunidad lingüística utiliza dos variedades de una misma lengua: una (la variedad “alta” de la lengua) para las situaciones más formales de la vida pública como la educación y la literatura; la otra (la variedad “baja”) para los contextos más coloquiales como la vida familiar.”

²³ Pharies (2015, p. 36) informa que o latim vulgar, também chamado de latim falado, forma baixa do latim, também pode ser encontrado com os seguintes nomes: *sermō rusticus* (fala rústica), *plēbēius* (popular), *quotidiānus* (cotidiana) e *vulgāris* (vulgar).

²⁴ “Presenta estructuras sintácticas y modificaciones léxicas que son ya un preludio de lo que sería el protorromance que dio lugar a nuestro idioma.”

²⁵ “ (...) léxico relacionado con términos jurídicos, guerreros y militares, también en algunos topónimos y antropónimos latinizados.”

Quanto à invasão árabe, Moreno Fernández (2005, p. 68-69) relata como os conquistadores, que foram poucos no começo e principalmente homens soldados, chegaram a PI falando árabe e berbere. Posteriormente, aumentou o número de falantes de árabe com a chegada de outros imigrantes e escravos. Dessa forma, o latim foi gradualmente substituído pelo árabe, considerado pelos muçulmanos a língua de Deus, o que contribuiu para seu prestígio. Decerto, o árabe se converteu em língua oficial do império Omíada andalusino.

Pode-se considerar que durante os séculos VIII e IX uma parte da sociedade era bilíngue em árabe e romandalusino, o qual, segundo Corriente (2005, p. 186-187), era a variedade do latim romanceado, árabe e berbere, que era utilizada pelos cristãos e outros povos na PI desde os períodos anteriores. Nessa situação de domínio da língua árabe em Alandalus, conforme essas populações iam se “arabizando”, de uma forma diglósica, utilizavam o romandalusino no contexto familiar e de forma oral, e o árabe como a língua de comunicação formal e escrita. Foi assim até o declínio e desaparecimento do romandalusino no final do século XII, gerando assim um período de monolingüismo em árabe.

Durante esse processo de contato linguístico, os povos moçárabes cuja herança cultural e linguística tem origens “hispano-latino-góticas” (Moreno Fernández, 2005, p. 71) foram fortemente influenciados pela cultura e pela língua árabe. Devido a isso, com o tempo, começaram a surgir entre eles nomes próprios como “Garcia Habib” e “Johan Mozarabi”²⁶.

Corriente (2005, p. 186-187) objeta o uso da denominação de “moçárabe” para essa variedade romance, o qual, segundo ele, se deve a distorções ideológicas, presentes em estudos tanto antigos quanto recentes. A referência está ligada à resistência da religião cristã em Alandalus, entretanto, judeus e muçulmanos também a utilizavam. Ademais, havia uma propensão a considerá-la uma forma de “espanhol antigo” ou “proto-castelhano”. Todavia, na atualidade

essas denominações não são mais sustentadas, não apenas pelas exigências científicas que demandam uma reavaliação de qualquer suposta conexão entre língua e cultura, conforme ensinado por E. Sapir, mas também porque agora se compreende melhor sua autonomia e relação a respeito dos dialetos românicos do Norte. E está se tornando cada vez mais evidente que os não muçulmanos de Alandalus participavam plenamente da cultura

²⁶ Observa-se em ambos os casos como o primeiro nome é de raiz e latina o segundo árabe.

muçulmana, exceto em questões religiosas restritas. (Corriente, 2005, p. 186-187, tradução nossa)²⁷.

Além disso, o termo “moçárabe” inicialmente se referia apenas aos cristãos de Toledo, especialmente após migrarem para o Norte da PI, sendo

anacronicamente transformado em uma etiqueta adequada para defender certos postulados ideológicos que não são compatíveis com o atual nível de conhecimento histórico, sociológico e cultural sobre as realidades da Península Ibérica na Idade Média (Corriente, 2005, p. 186-187, tradução nossa)²⁸.

Ainda de acordo com Corriente (2005, p. 186-187), a substituição desse termo pela nomenclatura proposta por ele, “romandalusino”, não é unanimemente aceita por todos os especialistas; embora a maioria reconheça a necessidade de abandonar o termo “moçárabe”, alguns o consideram “prosodicamente pesado”, optando por “romance andalusino”.

3.4 Declínio e extinção da língua

O declínio do romandalusino foi um processo gradual que ocorreu entre os séculos IX e XII em Alandalus. De acordo com Núñez-Méndez (2012, p. 22), foi a perseguição religiosa iniciada pelos árabes no século IX que pôs fim à tolerância dos séculos anteriores. A debilidade de Alandalus frente aos reinos cristãos provoca a chegada das dinastias fundamentalistas Almorávida (XI) e Almôada (XII), a qual intensificou a repressão dos cristãos e provocou a migração do povo moçárabe para o Norte, finalizando assim o período de bilinguismo árabe-romance. Esse processo os obrigou a ir se incorporando à cultura do norte cristão e às variedades romances que lá estavam surgindo. Foram perdendo, dessa maneira, a sua “identidade cultural e linguística” (Núñez-Méndez, 2012, p. 22).

Lapesa (1981, p. 189) explica que, à medida que os reinos cristãos foram avançando na conquista dos territórios andalusinos, a língua moçárabe, que ainda resistia excepcionalmente em Toledo, local onde a tradição moçárabe era forte, foi

²⁷ “Tales denominación y caracterización no son actualmente sostenibles, no sólo por las exigencias científicas que requieren reexaminar toda conexión supuesta entre lengua y cultura, como nos enseñó E. Sapir, sino porque se conoce mejor su autonomía y relación con respecto a los rom. septentrionales, y va resultando cada vez más evidente que los no musulmanes de Al-Ándalus participaban plenamente de la cultura de los musulmanes, salvo en el restringido dominio religioso”

²⁸ “[...] anacrónicamente convertido en una etiqueta apropiada para defender ciertos postulados ideológicos, no compatibles con el actual nivel de conocimientos históricos, sociológicos y culturales acerca de las realidades de la Península Ibérica en la Edad Media”.

desaparecendo. O romandalusino era uma variedade sem prestígio em situação de diglossia com a língua árabe, que, por tanto, não estava normatizada, era utilizada fundamentalmente na forma oral e não contava com desenvolvimento escrito, literário. Dessa forma, ele não pode “competir” (Lapesa, 1981, p. 189) com as variedades romances do Norte cristão, línguas associadas ao poder político e à cultura de cada reino ou condado, que desenvolveram uma forma escrita e uma literatura²⁹.

3.5 Registros e descrição da língua moçárabe

Devido ao carácter essencialmente oral do moçárabe, não se conservam muitos registros escritos da língua. Segundo Ariza (2005, p. 208), as fontes fundamentais para conhecer o romandalusino são as seguintes:

1º) a toponímia, 2º) o léxico sobrevivente em castelhano, 3º) os glossários latino-árabe, 4º) as palavras românicas que alguns botânicos e médicos árabes introduzem em suas obras, 5º) os livros de repartimentos, 6º) as palavras e frases romances encontradas nas *jarchas* e *cejeles* (Ariza, 2005, p. 208, tradução nossa)³⁰.

De todas elas, a fonte mais conhecida são as *jarchas* (*jarýas* em árabe), pequenas estrofes ou refrões que se encontram ao final de poemas chamados *moaxajas* (*muwaššaha* em árabe), escritos entre os séculos XI e XII em Alandalus (Núñez-Méndez, 2012, p. 21).

As *moaxajas* estão redigidas em árabe clássico ou hebreu e seus versos finais, as *jarchas*, em romandalusino ou árabe vulgar (variedade andalusina). No entanto, estes estribilhos utilizavam a mesma grafia do poema anterior, mesmo que estivessem em outra língua, no caso do romandalusino. Assim, pode-se afirmar que estes poemas, as *moaxajas*, são bilíngues, produto do contato de línguas existente na PI (Núñez-Méndez, 2012, p. 21). De fato, tem autores como Cennane (2016, p. 40) que descreve as *jarchas* romances como “uma mistura de árabe andalusino e romance andalusino” (tradução nossa)³¹.

²⁹ Trata-se de galego, leonês, castelhano, aragonês e catalão, das quais só o leonês e o aragonês acabaram sendo dominadas pelo castelhano.

³⁰ “1º) la toponímia, 2º) el léxico pervivido en el castellano, 3º) los glosarios latino-árabes, 4º) las palabras romances que introducen algunos botánicos y médicos árabes en sus obras, 5º) los libros de repartimientos, 6º) las palabras y frases romances que se encuentran en las jarchas y céjeles.”

³¹ “[...]una mezcla de árabe andalusí y romance andalusí”.

Foram encontradas centenas de *jarchas*, mas apenas “69 *jarchas* romances, das quais 43 em *moaxajas* árabes e 26 em *moaxajas* hebraicas” (Cenname, 2016, p. 40, tradução nossa)³². As mais antigas foram compostas entre 1042 e 1075, segundo Garrido Conde (2012, p. 100).

O descobrimento das *jarchas* foi difícil e tardio devido ao fato de tratar-se de romance escrito com grafia árabe ou hebraica³³. As primeiras *jarchas* romances ou parcialmente romances foram encontradas no Cairo e faziam parte de um acervo antigo escrito em língua hebraica (Cenname, 2018, p. 1). Essa descoberta teve impacto no mundo filológico por serem importantes documentos literários, linguísticos e históricos.

De acordo com Ariza (2005, p. 224), Menéndez Pelayo foi o descobridor das *jarchas* em 1894, mas não as publicou. Foi o hebraísta Stern quem apresentou pela primeira vez a interpretação de 20 *jarchas* hispano-hebraicas à comunidade científica em 1948, como relata Baños (2006, p. 9). Em 1952, foi a vez de García Gómez, arabista espanhol responsável pela interpretação de 24 *jarchas* romances que se encontravam em *moaxajas* árabes.

Entretanto, até hoje são consideradas composições rodeadas de mistério pela dificuldade que implica a sua compreensão. O fato de estarem escritas com grafia árabe ou hebraica e conter uma mistura de elementos árabes e romances faz com que existam várias interpretações para cada *jarcha*. E isso dificultou sua compreensão. Algumas, inclusive, são interpretadas tanto em romandalusino quanto em árabe. Como apontam alguns estudos, essa mistura de línguas é devida às *jarchas* serem poemas tradicionais romances adaptados pelos árabes. Também, provavelmente, muitas delas foram compostas por árabes bilíngues (Ariza, 2005, p. 223).

Para mostrar a dificuldade de traduzir e compreender as *jarchas*, apresentaremos a seguir um exemplo em sua grafia original árabe (Figura 2). Posteriormente, na Tabela 1, se reproduz o processo de compreensão e tradução da *jarcha* anterior, que começa com sua transcrição exata, isto é, da grafia árabe para a grafia latina. Observa-se que em muitas palavras transcritas não há ou faltam vogais, algo habitual na escrita árabe ou hebraica (ver nota 33). Na segunda coluna, aparece a sua interpretação em romandalusino; no entanto, percebe-se a mescla de palavras

³² “[...] 69 *jarchas* romances, de las cuales 43 en *moaxajas* en árabe y 26 en *moaxajas* en hebreo.”

³³ Dado que as línguas semíticas não costumam escrever as vogais, a identificação de palavras que se escrevem com outro alfabeto, como é caso do romance, foi muito complicada.

árabes e romances. Por último, mostra-se a tradução de García Gómez ao espanhol moderno. Esse processo desenvolvido por García Gómez não é o único possível, já que a própria Rubiera Mata (1987, p. 328) propõe uma outra leitura e uma nova tradução que se apresenta na Tabela 2. Essa nova interpretação considera que a parte romance da *jarcha* está em occitano³⁴ e daí a nova tradução (a parte em árabe não muda “Yā fātin a fātin”).

Figura 2 – Jarcha em grafia original árabe

يا فاتن افاتن
وش ينتراذ
كندر جالش كارذ

Fonte: García Gómez (1984, p. 413) *apud* Rubiera Mata (1987, p. 326)

Tabela 1 – Processo de tradução da *jarcha* anterior por García Gómez

1º passo: transcrição à grafia latina	2º passo: leitura em romance	3º passo: Tradução ao castelhano moderno
<i>Yā fātn a fātn wš yntrāḡ knḡr yālš kārḡ</i>	<i>Yā fātin a fātin oš entrāḡ kanḡ o yīloš kedeḡ</i>	<i>¡Oh seductor, oh seductor! Entráos aquí cuando el gilós duerma.³⁵</i>

Fonte: García Gómez (1984, p. 413) *apud* Rubiera Mata (1987, p. 326)

Tabela 2 – Proposta de tradução da *jarcha* anterior por Rubiera Mata com elementos occitanos.

2º passo: leitura em romance	3º passo: Tradução ao castelhano moderno
<i>Vos í entratz cand er jilós feritz</i>	<i>Entráos aquí cuando «celoso» sea herido</i>

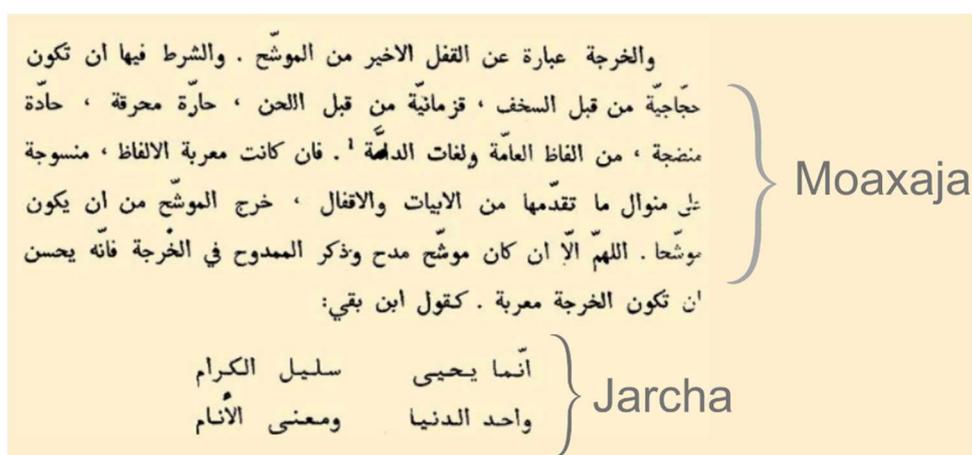
Fonte: Rubiera Mata (1987, p. 326)

³⁴ Língua romance falada no Sul da França.

³⁵ “Ó, sedutor, ó sedutor! Entrai acá quando o ciumento dormir” (tradução nossa).

Achar uma conexão entre a *moaxaja* e sua correspondente *jarcha* é também complicado. Ainda que estejam juntas, “não existe uma coerência argumental, formal, nem sequer linguística” (Cordón, 2015, p. 3, tradução nossa)³⁶. Chicote (2016, p. 11) acrescenta que a *jarcha* é também o suporte para desenvolver a *moaxaja*, embora sejam independentes quanto ao significado. Na Figura 3 podemos visualizar a estrutura de uma *moaxaja* e sua correspondente *jarcha* em grafia árabe.

Figura 3 – Moaxaja e jarcha



Fonte: Taller Igitur (2021)

Muitas *jarchas* costumam aparecer repetidas em *moaxajas* distintas. Um texto árabe da época (Sana-al-Mulk, estudioso das *moaxajas* dos séculos XII-XIII) mostra uma série de características de uma *jarcha* e através delas podemos entender o porquê de a repetição ser algo frequente:

1º) têm que ser surpreendentes, 2º) têm que ter estilo direto, 3º) deve ser escrita em árabe vulgar, em gíria ou na língua românica vulgar, 4º) deve ser composto antes da *moaxaja*, 5º) se não for original, pode pegar a de outra pessoa (Ariza, 2005 p. 223, tradução nossa)³⁷.

A respeito do conteúdo abordado nas *jarchas*, de acordo com as análises feitas até o momento, elas versam, em geral, sobre o amor (Núñez-Méndez, 2012, p. 21) e,

³⁶ “(...) no existe una coherencia argumental, formal, ni siquiera lingüística.”

³⁷ “1º) han de ser sorprendentes, 2º) tienen que estar en estilo directo, 3º) se deben escribir en árabe vulgar, en argot o en lengua vulgar romance, 4º) se debe componer antes de la muasaja, 5º) si no es original puede cogerse una ajena”.

como explica Cordón (2015, p. 6), refletem vozes femininas, que expressam a seus amados ou a outras mulheres as suas aflições amorosas.

Tabela 3 - Jarcha

Leitura em romance:	Tradução ao castelhano moderno:
<p><i>¡Tanto amare, Tanto amare, ħabīb, tanto amare! enfermaron olioš nidioš E dolen tan male.</i></p>	<p><i>¡Tanto amar, tanto amar, amigo, tanto amar! Enfermaron unos ojos brillantes y ahora duelen mal.³⁸</i></p>

Fonte: Solá-Solé (1990, p. 59)

Na Tabela 3 apresenta-se uma *jarcha* proveniente de uma *moaxaja* hebreia de 1042, escrita por Yosef Al Katib. Na sua tradução, podemos observar as sofrências amorosas mencionadas, provocadas pela falta da pessoa amada. Esse sentimento abstrato se expressa de forma tão intensa que chega a causar dores físicas, no caso analisado, dor nos olhos (Chicote, 2016, p. 11).

Embora sejam muito breves, é comum que nas *jarchas* sejam encontradas figuras de pessoas de confiança, os confidentes da mulher, em geral, mulheres. O papel da confidente é, provavelmente, uma tentativa de transmitir ao leitor proximidade com a situação de angústia pela falta do amado, mediante um interlocutor de confiança que pode partilhar a sua dor. Em palavras de Cordón:

Qual é o papel desses confidentes? É curioso imaginar o poema in situ, em um espaço que não está claro. O leitor provavelmente imagina um interior, talvez a casa da amante que sofre da doença amorosa que a faz pronunciar essas palavras (Cordón, 2015, p. 6, tradução nossa).³⁹

Tabela 4 - Jarcha

Leitura em romance:	Tradução ao castelhano moderno:
<p><i>Garid bos, ay yermaniellas, kom' kontener-ħe mew ma' le, Sin al ħabib non bibre 'yo: ¿ab ab l' iréy demanda' re?</i></p>	<p><i>Decid vosotras, ¡ay hermanillas!, ¡cómo he de atajar mi mal, Sin el amigo no puedo vivir:</i></p>

³⁸ " Tanto amar, tanto amar, amigo, tanto amar! Enfermaram uns olhos brilhantes e agora doe mal" (tradução nossa).

³⁹ "Cuál es el papel de estos confidentes? Resulta curioso a la hora de imaginar el poema in situ, en ese espacio que no nos queda claro. El lector imagina probablemente un interior, puede que la casa de la amante aquejada del mal de amores que le hace pronunciar esas palabras".

	<i>¿adónde he de ir a buscarlo.⁴⁰</i>
--	--

Fonte: Amores Pérez (2015, s. p.)

Na jarcha da Tabela 4 aparecem as confidentes retratadas como “irmãzinhas”. Talvez se trate de amigas, que por serem muito unidas, são tratadas como irmãos (Cordón, 2015, p. 6). Pode-se pensar nessas confidentes como reflexos da solidão da mulher medieval.

Quanto à língua utilizada nas *jarchas*, é necessário lembrar que os manuscritos que conservamos delas são muito posteriores à época em que foram compostas e, além disso, foram copiadas por escribas árabes sem conhecimento do romandalusino. Isto explica a dificuldade da análise desta língua.

Começando com a fonética do romandalusino, observa Ariza (2005, p. 209) que já havia acontecido a perda da quantidade das vogais latinas, restando um sistema de sete vogais tônicas e cinco átonas; não sabemos se as médias abertas já tinham passado pelo processo de ditongação. A respeito do consonantismo, há questões ainda em discussão, como a existência da sonorização das surdas intervocálicas e a simplificação das geminadas, mas já tinham acontecido as palatalizações do yod (Ariza, 2005, p. 209).

Sobre a morfossintaxe, não se tem muita informação, dado que as orações que aparecem nas *jarchas* são muito curtas e só permitem conhecer o léxico. Sabemos que para o diminutivo utilizam o sufixo latino “-ĒLLU”; o pronome de 1ª pessoa se escreve em árabe como “EW” e desconhecemos se era lido com ou sem ditongo, quanto o de 3ª pessoa se apresenta como “ell/a/o”. Já os possessivos são representados como “mew” y “ma”. O verbo na 3ª pessoa do singular manteve a consoante na terminação: “tornarad”, “sanarad”. Sobre o futuro, pode-se afirmar que já tinha se aglutinado, e o infinitivo oscila entre apócope da “e” final e sua preservação (Ariza, 2005, p. 221).

A propósito do léxico romance que aparece nas *jarchas*, como foi visto no comentário do poema da Tabela 2, nem sempre é de origem andalusina: nesse caso, Rubiera Mata (1987, p. 326) afirma que há palavras occitanas; no entanto, outros autores, como Ariza (2005, p. 221-222), rejeitam essa hipótese dos provençalismos.

⁴⁰ “Dizei vós, irmãzinhas! Como hei de atalhar meu mal, sem o amigo não posso viver: Aonde hei de ir buscá-lo” (tradução nossa).

Uma das ideias aceitas, em geral, é que se tratava de um léxico bastante conservador, embora seja difícil certificar essa ideia devido aos poucos testemunhos que se conservam.

3.6 A influência da conquista árabe no castelhano: os arabismos

Cano Aguilar (1988, p. 51) destaca a herança deixada na PI pela sociedade islâmica e arabizada que albergou durante séculos após a conquista. As influências de Alandalus se observam em quase todos os âmbitos: arquitetura, técnicas agrícolas, filosofia, religião, gastronomia, e também na língua. O contato cultural e linguístico é visível atualmente nas línguas romances como o espanhol e o português.

Como já foi mencionado, o árabe teve uma posição de prestígio durante vários séculos e foi adotado pelos andalusinos como língua de cultura, do poder e das instituições. O contato entre as diversas línguas da PI teve como resultado uma grande influência do árabe no léxico das línguas romances, por ser o nível mais relacionado com a cultura e a sociedade, mas a estrutura interna (fonologia, morfossintaxe) foi preservada (Cano Aguilar, 1988, p. 52). Como explica este mesmo autor, o “árabe atuou como superstrato (língua dominante) do romance andalusino, e como adstrato (língua vizinha) de outros romances peninsulares” (Cano Aguilar, 1988, p. 52, tradução nossa)⁴¹.

Assim, a consequência deste contato linguístico foram os numerosos arabismos, palavras árabes introduzidas no léxico romance, que, de acordo com o registro de Corriente (2005, p. 203), alcançam o número de 2.000, sem contar derivados léxicos e topônimos. No entanto, outros autores, como Núñez-Méndez (2012, p 22) e Cano Aguilar (1988, p. 53), dobram a quantidade para 4.000, somando termos primitivos e derivados, abrangendo também as palavras pouco usadas e aquelas que caíram em desuso. Em termos de porcentagem, os arabismos constituiriam em torno de 8% do vocabulário da língua espanhola (Cano Aguilar, 1988, p. 53).

Estes arabismos constituem um traço característico das línguas romances ibéricas que as diferenciam das outras línguas neolatinas (Corriente, 2005, p. 187). Trata-se de mais um exemplo das peculiaridades da Idade Média ibérica, marcada

⁴¹ “El árabe actuó como superstrato (lengua dominante) del romance andalusí, y como adstrato (lengua vecina) de los otros romances peninsulares [...]”.

pela conquista árabe: um processo histórico claramente diferenciado do resto da Europa.

Corriente (2005, p. 188) divide os arabismos segundo o tipo de transmissão, direta ou indireta, e estabelece quatro tipos básicos. No primeiro caso, menciona duas classes: a primeira, os empréstimos surgidos nas migrações dos moçárabes para o Norte da PI, que constituem o número maior; a segunda classe está composta pelos arabismos introduzidos no contato mulçumano (mudéjares⁴² e mouriscos) com os “reconquistadores”. Além disso, o mesmo autor acrescenta mais dois tipos de arabismos passados de maneira indireta. O primeiro foi através de comerciantes, guerreiros, viajantes e peregrinos, que incorporavam aos seus idiomas termos árabes técnicos específicos de suas profissões, e depois os introduziam nas línguas romances peninsulares. O segundo tipo provém da falta de equivalências de palavras árabes no latim e o romance.

Esses arabismos no léxico espanhol abarcam praticamente todas as áreas relacionadas com a realidade da época, sendo mais frequentes nos âmbitos onde a influência da cultura árabe foi maior. A respeito da vitalidade dos arabismos, atualmente, o número que permanece em uso é muito menor, em decorrência das mudanças na sociedade e da desapareição de objetos. No entanto, existe um núcleo de arabismos que formam parte do vocabulário básico, portanto, muito frequente, razão pela qual não foram eliminados nem substituídos. Trata-se de formas como *aceite, alcachofa, algodón, aldea, almacén, almohada, arroz, asesino, fulano, guitarra, loco, ou máscara*⁴³ entre outros (Corriente, 2005, p. 203-204). A seguir, são mostrados exemplos de arabismos nos diferentes âmbitos léxicos, selecionados a partir das obras de Núñez-Méndez (2012, p. 23), Torrens Álvarez (2007, p. 130) e Pharies (2015, p. 51). Deve ser ressaltado que as traduções ao português entre parênteses em ocasiões são igualmente arabismos, dado que o português também se desenvolveu na PI e, portanto, recebeu as influências do árabe (Salces, 2016, p. 106). Entretanto, os significados podem ser diferentes em ambas as línguas: por exemplo, o arabismo *almohada* existe em português como “almofada”, mas o significado é diferente, sendo

⁴² Conforme o dicionário da RAE, mudéjar é um indivíduo muçulmano que pagava imposto para ter permissão de conviver com os cristãos após a reconquista.

⁴³ Traduzidas ao português como azeite/óleo, alcachofra, algodão, aldeia, armazém, travesseiro, arroz, assassino, fulano, violão, louco, máscara.

“travesseiro” o equivalente de *almohada*, e *cojín* (mas também *almohada*) a tradução de “almofada”.

AGRICULTURA

- Árvores, plantas e frutos e outros alimentos (muitos deles foram levados à PI pelos árabes):

Aceite (azeite/óleo), *aceituna* (azeitona), *adelfa* (oleandro), *albahaca* (manjerição), *albaricoque* (damasco), *alcachofa* (alcachofra), *acelga* (acelga), *algarroba* (alfarroba), *alhelí* (goiveiro), *alfalfa* (alfafa), *algodón* (algodão), *alubia* (feijão), *amapola* (papoula), *arrayán* (murta), *arroz* (arroz), *azafrán* (açafraão), *azahar* (flor de laranjeira), *azucena* (lírio), *azúcar* (açúcar), *bellota* (bolota), *berenjena* (berinjela), *espinaca* (espinafre), *fanega* (alquiere), *fideos* (macarrão), *jarabe* (xarope), *jasmín* (jasmim), *limón* (limão), *mazapán* (*marzipã*), *naranja* (laranja), *sandía* (melancia), *toronja* (toranja), *zanja* (vala), *zanahoria* (cenoura).

- Métodos de irrigação: *acequia* (fosso), *alberca* (piscina), *aljibe* (caixa de água), *noria* (roda d'gua).

TÉCNICA BÉLICA

Os quase oito séculos de enfrentamentos entre os árabes de Alandalus e os reinos cristãos deram origem a muitos arabismos do campo léxico da guerra.

- Armas: *adarga* (adarga), *aljaba* (aljava).

- Fortificações: *alcazaba* (alcáçova), *alcázar* (tombadilho), *almena* (muralha), *atalaya* (mirante).

- Técnicas militares: *alarde* (desfile militar), *rebato* (alarme), *rehén* (refém), *zaga* (retaguarda)

- Funções militares: *jinete* (cavalheiro), *alférez* (segundo-tenente), *alguacil* (oficial de justiça), *almirante* (almirante).

PROFISSÕES E FERRAMENTAS

- Alguns destes termos referidos a profissões, conforme Torrens Álvarez (2007, p. 130), foram substituídos ao longo do tempo por palavras vindas do latim: *alarife* (*arquitecto*) (arquiteto), *alcalde* (prefeito), *albañil* (pedreiro), *albéitar* (*veterinario*) (veterinário), *alfageme* (*barbero*) (barbeiro), *alfarero* (*oleiro*), *alfayate* (*sastre*) (alfaiate).

- Ferramentas: *alfiler* (alfinete), *alicates* (alicates).

ECONOMIA E COMÉRCIO

Aduana (alfandega), almacén (armazém), ahorrar (poupar/economizar), albalá (carta régia), alcabala (imposto sobre vendas), alcancía (caixa de contruibuição), almoneda (leilão), alquiler (aluguel), arancel (tarifa), arroba (arroba), azumbre (azumbre), celemín (celamim), dársena (cais/doca), fanega (fanega), maravedí ou tarifa (maravedi), quilate (quilate), quinta (quinta). Alforjas (alforje).

CIENCIAS

É importante assinalar que o conhecimento científico em Alandalus e o Império Árabe eras muito desenvolvidos, chegando a atingir um nível muito superior ao da Europa cristã, explica Torrens Álvarez (2007, p. 130):

Alambique (alambique), alcohol (álcool), álgebra (álgebra), algoritmo (algoritmo) alquimia (alquimia), alquitrán (alcatrão), azogue (mercúrio), azufre (enxofre) cenit (zênite), cero (zero), cifra (cifra), elixir (elixir), guarismo (algarismo), jaque (xeque, no jogo de xadrez), redoma (rotatória).

ARQUITETURA E VIDA DOMÉSTICA

Adobe (adobe), aldea (aldeia) ajuar (enxoval), alacena (armário), alcantarilla (sarjeta), alcoba (quarto), aldaba (aldrava), alfarero (oleiro), alféizar (peitoril), alfombra (tapete), almohada (travesseiro), añil (anil), azotea (topo do telhado), azul (azul), azulejo (azulejo/ladrilho), carmesí (carmim/carmesim), escarlata (escarlata), jarra (jarra/jarro), jofaina (bacía), rincón (canto), tabique (divisória), taza (xícará).

MÚSICA

Guitarra (violão), laúd (alaúde), rabel (rebeca), tambor (tambor).

JOGOS

Ajedrez (xadrez), dado (dado), tahúr (trapaceiro).

COMIDAS TÍPICAS

Albóndiga (almôndega), alfajor (alfajor), almíbar (calda de caramelo), gazpacho (gaspacho).

VESTUÁRIO, PERFUMES E ACESSÓRIOS

Albornoz (roupão de banho), alhaja (jóia), ajorca (jóia de tornozelo), alpargatas (alpercata/sandália de couro), arrecada (arrecada/brinco de ouro), cenefa (sanefa), gabán (casaco de inverno), jubón (gibão), talco (talco).

NOMES GEOGRÁFICOS (TOPÔNIMOS)

Albacete, Albarracín, Alcalá Alcántara, Alcaraz, Alcázar, Alcocer, Alcolea, Alcudia, Algarbe (España)/Algarve (Portugal), Algeciras, Almadén, Banaguacil, Benahavís, Benamejí, Benasal, Benicásim, Benidorm, Borja, Cáceres, Calaceite, Calatañazor,

Calatayud, Gibraltar, Guadalquivir, Guadalajara, Guadarrama, Guadalupe, Guadix, Madrid, Mancha, Medina, Medinaceli, Rábida, Tarifa.

Como pode ser notado, muitos dos arabismos mencionados anteriormente se iniciam por “*a*” que é o artigo na língua árabe, mas que chegou ao espanhol como parte do substantivo, a sílaba inicial, por assim ter sido interpretado. Por outro lado, como lembra Torrens Álvarez, (2007, p. 130-131), alguns arabismos não procedem originariamente da língua árabe, dado que foram tomados como empréstimos de outros idiomas. Esse é o caso de *alfalfa*, *almíbar*, *naranja*, *azul* e *añil*, que provêm do persa; outras entraram no árabe a partir do grego (*acelga*, *alambique*, *alquimia*, *arroz*), do sânscrito (*ajedrez*), ou do latim (*albaricoque*, *alcazar*).

Muitos dos arabismos são substantivos, no entanto, Lapesa (1981, p. 138) menciona outros tipos de palavras: adjetivos como *mezquino*, *baladí* e *baldío*; verbos como *halagar*, *recamar* e *acicalar*; interjeições como *ojalá*, ou a preposição *hasta* e os pronomes indefinidos *fulano*, *mengano* e *zutano* (Núñez-Méndez, 2012, p. 24).

No que diz respeito à influência árabe na morfologia espanhola, como aponta Corriente (2005, p.197), “o único morfema árabe incorporado produtivamente ao sistema morfológico do castelhano foi o gentílico ou atributivo {-î}”⁴⁴, usado até hoje em novas palavras relacionadas com o mundo árabe (“marroquí”, “paquistaní”, “alfonsí”).

No plano fonológico, Cano Aguilar (1988, p. 52) afirma que no espanhol não há indicativo de influência fonética direta do árabe, mas

[...] parece admissível a tese de que os empréstimos árabes modificaram a frequência de certos tipos de acentuação (assim, incrementaram o número de palavras oxítonas, e também proparoxítonas), de certas distribuições fonológicas (aumentaram os casos de -r e -z finais: *alféizar*, *almirez*) e silábicas (introduziram numerosos polissílabos: *almogávar*, *berenjena*) (Cano Aguilar, 1988, p. 52, tradução nossa)⁴⁵.

No entanto, existe a ideia entre leigos de que o fonema velar fricativo surdo do espanhol, /x/, provém do árabe, algo com o que a maioria dos autores, até onde alcança nosso conhecimento, não concordam. Moralejo (1977) explica que no

⁴⁴ “El único morfema ár. incorporado productivamente al sistema morfológico del cs. fue el gentilicio o atributivo {+î} [...]”

⁴⁵ “[...] parece admisible la tesis de que los préstamos árabes modificaron la frecuencia de ciertos tipos de acentuación (así, incrementaron el número de palabras agudas, y también de esdrújulas), de ciertas distribuciones fonológicas (aumentaron los casos de -r y -z finales: *alféizar*, *almirez*) y silábicas (introdujeron numerosos polisílabos: *almogávar*, *berenjena*)”.

romance não existiam os fonemas guturais ou aspirados do árabe /x/ (grafia خ) e /ħ/⁴⁶ (grafia ح) e a prova é que os arabismos perderam esses sons, substituídos pela F latina que foi evoluindo até desaparecer. Todavia, segundo o autor, existem topónimos que conservam esses sons guturais do árabe, indicando que foram mantidos pelos mouriscos no sul da PI. Esse fato pode ter favorecido a propagação do novo fonema fricativo velar surdo castelhano no século XVII.

No âmbito sintático, segundo Corriente (2005, p.199), o traço que mais chama a atenção é a incorporação do artigo árabe “al” aos substantivos provenientes dessa língua. Na realidade, esses arabismos procedem de um sintagma nominal, no qual o artigo perde sua função e se aglutina com o substantivo: *albóndiga*, *alcachofa* e *algodón*.

Corriente (2005, p. 201) explica com relação à influência semântica, que houve calques semânticos (transferências de significado a palavras romances) e traduções literais de alguns sintagmas, como modismos ou ditados populares, muito menos frequentes do que defendem alguns autores (Corriente, 2005, p. 201).

4. CAPÍTULO 2 - ATIVIDADE INTERCULTURAL

Neste segundo capítulo do trabalho, aplicaremos parte do aprendido no primeiro a respeito do período histórico da PI ocupada pelos árabes, o qual gerou uma rica herança cultural e permitiu o desenvolvimento da língua moçárabe. Para isso, criamos uma atividade que apresenta os elementos árabes na cultura espanhola, dando destaque à língua moçárabe encontrada nas *jarchas* e aos arabismos na língua espanhola. Trata-se de dar a conhecer esse encontro de culturas e o produto gerado.

4.1 Natureza da atividade

A atividade apresentada a seguir tem como objetivo desenvolver a competência intercultural, conceito que alude à integração da cultura materna do estudante com a cultura estudada, surgindo, a partir das informações de ambas, uma nova visão de mundo (Benito, 2009, p. 495).

⁴⁶ Fricativa faríngea surda.

Mas afinal, o que é cultura? É possível conceituá-la como “um conjunto aprendido/adquirido socialmente de tradições, estilos de vida e de modos pautados e repetitivos de pensar, sentir e atuar” (Miquel López; Sans, 2004, s. p. tradução nossa)⁴⁷. A língua faz parte desse conjunto e, de fato, em palavras das mesmas autoras, não ensinar cultura em aulas de LE seria reduzir a língua a vocabulário e normas morfosintáticas, como afirma Blasco (1999, p. 109), “ensinar uma língua vazia de conteúdo” (tradução nossa⁴⁸).

Do anterior se infere que a competência cultural é indissociável da competência comunicativa (Miquel López; Sans, 2004). É através da competência cultural, que o estudante poderá entender o comportamento dos falantes da língua-meta e assim evitar mal-entendidos e preconceitos.

Entretanto, como analisa Benito (2009, p. 495), para desenvolver a competência intercultural, deve-se ir além de ensinar cultura na sala de aula, pois é necessário aceitar as diferenças e promover a interação entre culturas. Assim, a abordagem intercultural deve ser ativa por parte do aprendiz, que terá de refletir sobre a cultura ligada à língua que está estudando, mas também sobre a própria, desenvolvendo dessa forma uma atitude crítica sobre esta última. O objetivo, como aponta Benito, é superar o “nível monocultural”, no qual “observamos a outra cultura com os óculos da nossa própria cultura e isso nos dá uma certa maneira de ver o mundo, de perceber e interpretar a realidade (Benito, 2009, p. 496, tradução nossa)⁴⁹, uma vez superado, atingir-se-ia o “nível intercultural”, isto é, o aprendiz está entre as duas culturas, para finalmente alcançar o “nível transcultural”, no qual se posiciona além das culturas, transformando-se em mediador.

4.2 Apresentação e descrição das atividades

O propósito da atividade é levar à sala de aula um assunto histórico pouco conhecido como a conquista árabe da PI. Utilizaremos as *jarchas* e o moçárabe, manifestações do intenso contato linguístico-cultural dessa época. Ademais, como esse marco histórico deixou uma importante herança árabe não só na cultura

⁴⁷ “[...] conjunto aprendido/adquirido socialmente de tradiciones, estilos de vida y de modos pautados y repetitivos de pensar, sentir y actuar.”

⁴⁸ “[...]enseñar una lengua vacía de contenido”

⁴⁹ “Observamos la otra cultura con las gafas de nuestra propia cultura y ésta nos aporta una determinada forma de ver el mundo, de percibir e interpretar la realidad”.

espanhola, mas também na língua, será possível explicar a existência de numerosos arabismos na língua espanhola, de forma que os estudantes possam reconhecer a origem das muitas palavras iniciadas por "al", o artigo em árabe.

Esta atividade foi pensada para um curso de língua espanhola de nível intermediário ou avançado (a partir do nível B1, de acordo com o Marco Comum de Referência Europeu). Assim, sua aplicação foi realizada com grupos de nível intermediário do Centro Interescolar de Línguas 01 do Paranoá, que costumam ter interesse por aspectos pouco conhecidos da cultura espanhola.

O título da atividade é “Cuando los españoles eran árabes: otro lado de la cultura española”⁵⁰. Os três primeiros exercícios que compõem a atividade são orais, e os dois últimos, escritos⁵¹. Os materiais utilizados são slides projetados e *jarchas* impressas em papel, e o tempo previsto de aplicação é de 01h40.

No primeiro exercício, mostram-se, por meio de slides, imagens de danças, comidas típicas, festivais, escritores, pintores, famosos contemporâneos, personagens de desenhos animados e monumentos referentes a culturas e países diversos, seguidas da seguinte pergunta:

- a. Quais das imagens abaixo você acha que estão relacionadas à cultura espanhola e quais não?

Entre as imagens mostradas, há algumas relacionadas à herança árabe da PI. Dado que se trata de uma época pouco conhecida, é possível que os alunos não reconheçam esses elementos culturais. Após a interação com a turma, será feita uma breve exposição sobre a conquista árabe na PI, acompanhada de slides com a cronologia, mapas e conceitos básicos desse período.

No segundo exercício, apresentar-se-á uma seleção de palavras em espanhol de origem árabe que serão sorteadas entre as/os estudantes, os quais deverão responder às seguintes perguntas:

- a. Vocês conhecem estas palavras? Qual seria a tradução em português?
- b. Muitas delas têm algo em comum, sabem o quê?

Em seguida, haverá uma explicação sobre os arabismos, palavras espanholas que têm origem árabe e, em alguns casos, começam com o artigo al-.

⁵⁰ Tradução: Quando os espanhóis eram árabes: um outro lado da cultura espanhola. Na primeira parte do título fazemos referência ao livro do professor da Universidade de Sevilha e especialista no Islã e Alandalus, Emilio González Ferrín: **Cuando fuimos árabes**. Editorial Almuzara, 2018.

⁵¹ Vale ressaltar que toda a atividade foi executada em espanhol, conforme evidenciado no anexo 2; todavia, tanto a apresentação e descrição quanto o plano de aula estão em português.

Em relação ao exercício três, será feita uma reflexão sobre o que poderia ter acontecido aos cristãos que estavam sob domínio árabe, e, também, perguntas fazendo correlação com a conquista portuguesa no Brasil:

a) Que língua falavam os habitantes da PI antes da conquista árabe? b) Que religião tinham? c) Que religião tinham os conquistadores árabes? d) Que língua falavam esses habitantes da PI após a conquista árabe? e) Alguém sabe que línguas falavam os povos originários no Brasil antes da colonização? f) E após a colonização, seguiram falando?

Após as respostas, uma explanação do ministrante a respeito da evolução do latim na Península Ibérica e a influência árabe.

No exercício quatro, a turma será dividida em equipes e cada uma terá uma folha de papel com uma *jarcha* diferente. Os alunos deverão analisá-las e responder em conjunto às seguintes perguntas:

- a. Qual é o tema presente no poema?
- b. O que você pensou ou sentiu quando leu o poema?
- c. Você acha que o assunto tratado neste poema continua sendo atual ou só era comum na Idade Média?
- d. Pode compará-lo com alguma obra atual? Podem ser outros poemas, música, filmes, pinturas etc.

Após as respostas, outra breve explicação sobre a estrutura e o conteúdo das *jarchas*, segundo estudiosos da literatura.

Para finalizar, no exercício cinco, será pedido aos estudantes, em duplas, que escrevam suas próprias *jarchas* em espanhol, enquanto escutam uma *jarcha* cantada de fundo. Eles deverão produzir seus poemas se espelhando em uma *jarcha* medieval ou criar suas próprias *jarchas* adaptando estilos atuais, como por exemplo o *rap*. Para finalizar, os alunos poderão ler seus poemas.

O plano de aula, a própria atividade e os slides podem ser consultados nos anexos 1, 2 e 3.

4.3 Aplicação da atividade

A atividade proposta foi aplicada no dia 10/06/2024 no Centro Interescolar de Línguas 01 do Paranoá (CIL), com uma turma de nível intermediário (B1) composta por 6 aluna/os entre 15 e 16 anos.

A atividade se desenvolveu da forma esperada e foi possível realizar todos os exercícios propostos, sendo a duração total de 01h30. Contudo, se o número de aluna/os tivesse sido maior, o tempo empregado também teria aumentado.

Quanto às reações observadas ao longo das tarefas, destaca-se a surpresa da/os estudantes diante da existência de mesquitas e outras obras de arquitetura árabe na Espanha. Essa atitude comprova a ideia já apontada do desconhecimento dessa parte da história espanhola por parte dos brasileiros. Inclusive, quando foi perguntado se esses edifícios estavam em território espanhol ou não, dois alunos afirmaram que só poderiam estar no Oriente Médio, já outros comentaram que provavelmente estariam em algum outro lugar no continente asiático.

No segundo exercício, novamente apareceu o desconhecimento deste período, já que nenhum da/os seis estudantes reconheceram que se tratava de palavras espanholas de origem árabe, aspecto ainda mais surpreendente se pensarmos que muitos desses arabismos também existem em português.

O quarto exercício, foi realizado em duplas de forma escrita sem consulta e depois lido em voz alta para toda a turma. Demonstraram bastante interesse e as três duplas conseguiram identificar que o tema da *jarcha* era o amor. Nas respostas escritas, a dupla B acrescentou que se tratava de “*un amor no correspondido*”⁵², já a dupla A expressou de forma mais elaborada: “*machucaram o coracion(sic) de una persona*”. Por último, as três duplas estavam de acordo em que o tema tratado na *jarcha*, o amor não correspondido, é algo ainda contemporâneo na vida do ser humano e, portanto, continua a ser refletido nas artes.

Ainda no exercício 4, as respostas à questão D (compare a *jarcha* com alguma obra da atualidade) trouxeram comparações interessantes por refletirem as preferências dos adolescentes: o filme *Crepúsculo* (2008), “*a música de Bruno Mars ‘just the way you are’ porque las dos hablan de ojos brillantes*”, ou o gênero brasileiro, sertanejo universitário. No último exercício, as duplas deviam criar as suas próprias *jarchas* de forma livre ou seguindo o modelo das *jarchas* lidas em sala. Os resultados foram os seguintes:

⁵² São reproduzidas literalmente as repostas escritas dos estudantes.

Jarcha da dupla A:

*“Aqueles (sic) ojos: Aqueles(sic) ojos
que refletem la alma
de una chica apaixonada(sic)”*

Jarcha da dupla B:

*“¡Que hermoso es!
Sus pelos rubio y rizado
Que me queda hetizada(sic)”*

Jarcha da dupla C:

*“Te amo, no te amo más
Un corazón herido, dejaste para trás(sic)
Y este sentimiento nunca volverás”*

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho realizamos uma aproximação diacrônica ao moçárabe (romandalusino), língua romance influenciada pelo árabe na PI. Dessa forma, explicamos seu contexto histórico, a convivência entre as culturas muçulmana, cristã e judia naquele território, examinamos os fatores que levaram à extinção da língua, descrevemos suas características e mostramos seus testemunhos mais conhecidos, as *jarchas*. Também exploramos a influência do árabe na língua espanhola e os arabismos. Por último, elaboramos uma atividade para mostrar aos estudantes brasileiros de espanhol de nível intermediário o contexto histórico multicultural no qual se falou o moçárabe.

A análise detalhada dos dados coletados revelou que o romandalusino se desenvolveu mediante o contato entre a variedade romance do latim falado na PI e o árabe influenciado por dialetos berberes.

Evidenciou-se também que a convivência entre as três culturas hispano-goda (cristãos), árabe (muçulmanos) e hebreia (judeus) passou por diferentes fases, desde a tolerância inicial por parte dos conquistadores, até as perseguições e conversões obrigatórias posteriores.

Quanto à língua estudada, foi possível identificar a sua genealogia, como evolução direta do latim e do proto-ibero-romance, igual que o galego-português e o castelhano. Seu declínio e extinção foi por volta dos séculos IX ao XII, devido ao acosso aos cristãos pelas dinastias norte-africanas, que provocou a imigração do povo moçárabe para o norte da PI. A principal fonte de pesquisa da língua foi encontrada no Cairo: trata-se das *jarchas*, pequenos versos em romance andalusino escrito com caracteres árabes que fecham as *moaxajas*, poemas em árabe ou hebreu.

Com relação à influência árabe no castelhano, os arabismos, palavras de origem árabe, constituem em torno de 8% do vocabulário dessa língua. Foram transmitidos ao castelhano mediante empréstimos surgidos nas migrações dos moçárabes para o norte da PI e também por via do contato muçulmano com os cristãos do norte através de comerciantes, guerreiros, viajantes e peregrinos. Em muitos casos, são consequência da falta de equivalências das palavras árabes no latim e no romance.

Desde o ponto de vista formal, os arabismos costumam começar por -al, o artigo na língua árabe, que chega ao espanhol assimilado como sílaba inicial dessas palavras.

A respeito da atividade proposta no capítulo 2, podemos destacar que foi confirmada a hipótese de que os estudantes brasileiros conhecem de forma limitada a influência árabe na história e a cultura da Espanha. Além disso, foi perceptível o interesse dos alunos no tema, refletido na atenção durante as explicações e na participação ativa nos exercícios. Também, as comparações com obras contemporâneas e a criação de poemas à moda das *jarchas*, mostraram a capacidade dos discentes para relacionar o conteúdo histórico com suas experiências e interesses atuais.

Por todo o mencionado até aqui, o trabalho mostra-se relevante, já que contribui ao conhecimento do contexto histórico no qual as línguas romances peninsulares evoluíram a partir do latim durante a Idade Média. Com a conquista árabe, a PI experimentou um período de contato entre línguas (romance-árabe) e de convivência entre culturas e religiões.

Por último, o trabalho apresenta uma atividade que poderá ser utilizada por professores de espanhol como língua estrangeira, para levar à sala de aula conteúdos culturais pouco frequentes e fomentar a interculturalidade entre os estudantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, JOSÉ CARLOS PAES DE. **Léxico vital da área de ensino de línguas**. Projeto GLOSSA/EL Vocabulário acadêmico e profissional. Brasília: Universidade de Brasília, 2022.

AMORES PERÉZ, Raúl. Las jarhcas. (II). La lírica árabe vulgar y tradicional en Al-Andalus. **LenguayLiteratuRAP**, 2015. Disponível em: < <https://lenguayliteraturap.blogspot.com/2015/03/las-jarchas-iii-la-lirica-arabe-vulgar.html> >. Acesso em: 03/03/2024.

ARIZA, Manuel, El Romance em Al- Al-Ándalus. In: CANO, R. A. (Coord.). **Historia de la lengua española**. Barcelona: Ariel, 2005. p. 207-235.

BAÑOS, Pedro Martín. El enigma de las jarchas. Per Abbat: boletín filológico de actualización académica y didáctica, n. 1, p. 9-34, 2006.

BARCELÓ, Carmen. Mozárabes de Valencia y «lengua mozárabe». **Revista de filología española**, v. 77, n. 3/4, p. 253-279, 1997.

BENITO, Ana Belén García. La competencia intercultural y el papel del profesor de lenguas extranjeras. In: **El profesor de español LE-L2: Actas del XIX Congreso Internacional de la Asociación para la Enseñanza del Español como Lengua Extranjera (ASELE): Cáceres, 24-27 de septiembre de 2008**. 2009. p. 493-506.

BLASCO, Marisa González. Aprendizaje intercultural: desarrollo de estrategias en el aula. In: **Didáctica del español como lengua extranjera**. Fundación Actilibre, 1999. p. 109-127.

CANO AGUILAR, Rafael. **El español a través de los tiempos**. Arco/libros, 1988.

CENNAME, Anne. **Las jarchas romances: Voces de la Iberia medieval**. 2018. Tesis (Doctorado en Ciencias Humanas y Sociales) - Facultad de Humanidades, Departamento de Filología, Universidad de Almería. Almería, p. 324. 2018.

_____. Rasgos lingüísticos andaluces en las jarchas romances. **Actas de la VIII Hunta d'Ehkritoreh en andalú. Fuengirola**, 2016.

CORDÓN, Elena Victoria. El mundo femenino de las jarchas. **Revista digital de la Asociación de Profesores de Español «Francisco de Quevedo» de Madrid ISSN**, v. 2341, p. 1643, 2015.

CASTRO, Francisco Vidal. El imperio almohade: Historia y repercusión en la provincia de Jaén. **Alcazaba: revista histórico-cultural**, n. 9, p. 59-90, 2009.

CORRIENTE, Federico, El Elemento Árabe en la Historia Lingüística Peninsular: Actuación Directa e Indirecta. Los Arabismos en los Romances Peninsulares (en Especial, en Castellano). In: CANO, R. A. (Coord.). **Historia de la lengua española**. Barcelona: Ariel, 2005. p. 185-206

_____. Novedades en el estudio de los arabismos en iberorromance. **Revista española de lingüística**, v. 26, n. 1, p. 1-14, 1996.

CORTÁZAR, José Ángel García de. Resistencia frente al Islam, Reconquista y repoblación en los reinos hispanocristianos (años 711-1212). In: CANO, R. A. (Coord.). **Historia de la lengua española**. Barcelona: Ariel, 2005. p. 239-256.

COSTA, Jéssica Pereira da. **O islã, os muçulmanos e seus conceitos: Vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos**. Educs, 2016.

CHICOTE, Gloria Beatriz. Moaxajas, Jarchas y Zéjeles Una Poesía, dos mundos. 2016.

DE CHIARA, Pietro Enrico Menegatti. A expansão do Islã e o contato com os judeus e com os cristãos no Maghreb. In: Pablo Gatt (org.). **Lugares de poder e de conflito no contexto tardo antigo e medieval**. Vitória: Milfontes, 2022. p. 131-154.

PÁRAMO DE VEGA, Laura. La España de las tres culturas: la convivencia entre judíos, musulmanes y cristianos en la Edad Media. **Alcalibe: Revista Centro Asociado a la UNED Ciudad de la Cerámica**, n. 11, p. 157-188, 2011.

DIACRONIA. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/diacronia/>>. Acesso em: 17/08/2023.

DIAS, A. P. **As relações entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica: perspectivas e práticas da igreja ibérica a partir da análise da Crônica Profética de Pseudo-Ezequiel (século IX)**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 143. 2010.

EL FASI, Mohammed; HRBEK, Ivan. **História Geral da África–Vol. III–África do século VII ao XI**. UNESCO, 2010.

ELÍA, Shamsuddin. Historia de Al-Ándalus (711–1492). **La convivencia de tres culturas durante 800 anos**, v. 800, p. 1-18, 1996.

FARACO, Carlos Alberto. **Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERNÁNDEZ, Francisco Moreno. **La maravillosa historia del español**. Instituto Cervantes, 2015.

_____. **Historia social de las lenguas de España**. Barcelona: Ariel, S. A., 2005.

FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. El latín en Hispania: la romanización de la Península Ibérica. El latín vulgar. Particularidades del latín hispánico. **Instituto Cervantes**, v. 80, p. 13-18, 2006.

GARCIA, Janete Melasso. **Introdução à teoria e prática do latim**. 2. ed. Brasília: EdUnB, 2000.

GARRIDO CONDE, Rosa. La transgresión en las jarchas romances. **Boletín de la Real Academia Sevillana de Buenas Letras**: Minervae Baeticae, 40, 97-115., 2012.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ FERRÍN, Emilio. **Cuando fuimos árabes**. Editorial Almuzara, 2018.

GUZMÁN, Roberto Marín. Los grupos étnicos en la España Musulmana: diversidad y pluralismo en la sociedad islámica medieval. **Revista Estudios**, n. 17, p. 169-215, 2003.

KAMEN, Henry. **Breve Historia de España**. Omega Alfa. España, 2009.

LAPESA, Rafael. **Historia de la Lengua Española**. 9. ed. Madrid: Gredos, 1981.

MAURER JR., Theodoro Henrique. **Gramática do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MELLADO RODRÍGUEZ, J. La lengua de los mozárabes. Otra lectura de las fuentes. **Collectanea Christiana Orientalia**, v. 15, p. 119-156, 2018.

MIQUEL LÓPEZ, Lourdes; SANS, Neus. El componente cultural: un ingrediente más en las clases de lengua. **RedELE: revista electrónica de didáctica español lengua extranjera**, 2004.

MONTALVO, José Hinojosa. Los judíos en la España medieval: de la tolerancia a la expulsión. 2000.

MORALEJO LASO, Abelardo. La J española y la J árabe: Alfajarín y otros topónimos. **Archivo de filología aragonesa**, n. 20, p. 319-322, 1977.

NÚÑEZ-MÉNDEZ, Eva. **Fundamentos teóricos y prácticos de historia de la lengua española**. New Haven: Yale University Press, 2012.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada; MARANHÃO, Samantha Moura. Arabismos do campo semântico do vestuário na língua portuguesa das Minas setecentistas. **Domínios de linguagem**, p. 2-2. 2º sem./2011, p. 217-245.

SALAZAR TORRES, Fernando. Poesia hispano-romance: خرجة jaṛya (jarchas). **Taller Igitur**, 2021. Disponível em: <<https://tallerigitur.com/hispanidades/poesia-hispano-romance-%D8%AE%D8%B1%D8%AC%D8%A9-jarya-jarchas-comentario-de-fernando-salazar-torres/7819/>>. Acesso em: 03/03/2024.

PHARIES, David A. **Breve historia de la lengua española: Segunda edición revisada**. University of Chicago Press, 2015.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.6 on-line]. Disponible em: <<https://dle.rae.es/moro#KPMRDq0>>. Acesso em: 27/11/2023.

_____ : **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.6 on-line]. Disponible em: <<https://dle.rae.es/-sco>>. Acesso em: 27/11/2023.

_____ : **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.6 on-line]. Disponible em: <<https://dle.rae.es/morisco>>. Acesso em: 27/11/2023.

_____ : **Diccionario de la lengua española**, 23.^a ed., [versión 23.6 on-line]. Disponible em: <<https://dle.rae.es/mud%C3%A9jar?m=form>>. Acesso em: 20/06/24

ROTAETXE AMUSATEGUI, Karmele . Lengua, cultura, civilización: delimitaciones recíprocas y situación vasca. In: **Nuevas formulaciones culturales: Euskal Herria y Europa**. Sociedad de Estudios Vascos= Eusko Ikaskuntza, 1992. p. 67-75.

RUBIERA MATA, María Jesús. **La lengua romance de las jarchas (Una jarcha en la lengua occitana)**. 1987.

SALCES, Claudia Dourado de. **História da língua portuguesa**. Londrina: Editora e, 2016.

SOLÁ-SOLÉ, Josep María. **Las Jarchas Romances y sus moaxajas**. Madrid: Taurus, 1990

TORO LILLO, Elena. La invasión árabe. Los árabes y el elemento árabe en español. **Instituto Cervantes**, v. 80, p. 49-56, 2006.

TORRENS ÁLVAREZ, María Jesús. **Evolución e historia de la lengua española**. Madrid: Arco Libros, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios: catolicismo e rebeldia no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VILAR, Pierre. **História de España**. Barcelona: Planeta, 2013.

ANEXOS

ANEXO 1 - PLANO DE AULA

Tema: Quando os espanhóis eram árabes: um outro lado da cultura espanhola.	Data: 10.06.24
Ministrante: Ronei Alves de Brito	Matéria: língua espanhola
Duração: 1h40	Nível: Intermediário (B1)
Objetivos do aluno: <ul style="list-style-type: none"> → Conhecer a cultura espanhola a partir da conquista árabe na Península Ibérica; → Aprender sobre as origens de algumas palavras espanholas; → Aperfeiçoar a leitura em espanhol e analisar textos literários. 	
Objetivos da aula: <ul style="list-style-type: none"> → Desenvolver a competência intercultural; → Trabalhar a compreensão e análise de textos em espanhol; → Explicar a origem de algumas palavras espanholas; → Incentivar a escrita em espanhol. 	
Conteúdo(s) <ul style="list-style-type: none"> → Cultural: a herança árabe na Espanha, introdução ao período histórico por meio de mapas, monumentos e os poemas conhecidos como jarchas; → Pronúncia e ortografia: leitura e produção de texto; → Lexical: arabismos na língua espanhola. 	
Procedimentos(s): a aula será dividida em vários momentos: <ol style="list-style-type: none"> 1. Apresentação e explicação da atividade proposta. 2. Aplicação do exercício introdutório 1: “O que você sabe sobre a cultura da Espanha?” O objetivo é despertar o interesse dos estudantes. Serão mostradas, por meio de slides, imagens de danças, comidas típicas, festivais, escritores, pintores, famosos contemporâneos, personagens de desenhos animados e monumentos referentes a culturas e países diversos, seguidas da seguinte pergunta: a) Quais das imagens abaixo você acha que estão relacionadas à cultura espanhola e quais não? Entre as imagens mostradas, há algumas relacionadas à herança árabe da PI. Dado que se trata de uma 	

época pouco conhecida, é possível que os alunos não reconheçam esses elementos culturais.

3. Exposição do ministrante sobre a invasão muçulmana na Península Ibérica; serão utilizados slides de apoio com mapas e conceitos chave.
4. Aplicação do exercício 2: “O encontro das línguas na Península Ibérica”. Apresentar-se-á uma seleção de palavras em espanhol de origem árabe que serão sorteadas entre as/os estudantes, os quais deverão responder às seguintes perguntas: a) Vocês conhecem estas palavras? Qual seria a tradução em português? b) Muitas delas têm algo em comum, sabem o quê?
5. Explicação sobre os arabismos, palavras espanholas que têm origem árabe e, em alguns casos, começam com o artigo al-.
6. Aplicação do exercício 3, que consta das seguintes perguntas: a) Que língua falavam os habitantes da PI antes da conquista árabe? b) Que religião tinham? c) Que religião tinham os conquistadores árabes? d) Que língua falavam esses habitantes da PI após a conquista árabe? e) Alguém sabe que línguas falavam os povos originários no Brasil antes da colonização? f) E após a colonização, seguiram falando?
7. Explicação do ministrante sobre a evolução do latim na Península Ibérica e a influência árabe.
8. Aplicação do exercício 4: “Análise de *Jarchas*”. A aula será dividida em equipes e cada uma terá uma folha de papel com uma *jarcha* diferente. Os alunos devem analisá-las e responder em conjunto às seguintes perguntas: a) Qual é o tema presente na poesia? b) O que você pensou ou sentiu quando leu a poesia? c) Você acha que o assunto tratado neste poema continua sendo atual ou só era comum na idade média? d) Pode compará-lo com alguma obra atual? Podem ser outros poemas, música, filmes, pinturas etc.
9. Breve explicação sobre a estrutura e o conteúdo das *jarchas*, segundo estudiosos da literatura.
10. Aplicação do exercício 5: “Crie sua *jarcha*”. Será pedido aos estudantes em duplas que escrevam suas próprias *jarchas* em espanhol, enquanto escutam uma *jarcha* cantada de fundo. Eles deverão produzir seus poemas se espelhando em uma *jarcha* medieval ou criar suas próprias *jarchas*, adaptando estilos atuais como por exemplo o rap.

11. Para finalizar, os alunos poderão ler seus poemas.

Materiais/equipamentos:

Slides;
 computador;
 caixa de som;
 folhas de papel;
 lápis;
 quadro negro.

ANEXO 2 – PARTE ESCRITA DA ATIVIDADE

Ejercicio 4 - Lee la siguiente *jarcha* y responde las preguntas.

*¡Tanto amar, tanto amar,
 amigo, tanto amar!
 Enfermaron unos ojos brillantes
 y ahora duelen mal.*

a) ¿De qué tema trata el poema?

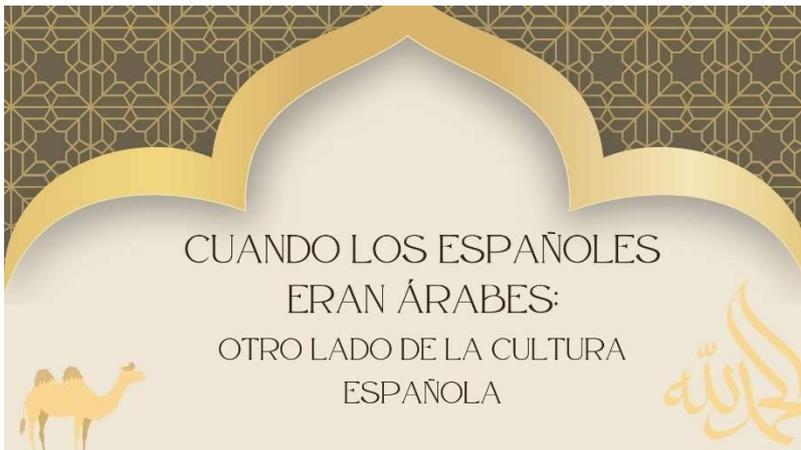
b) ¿Qué pensaste o sentiste cuando leíste el poema?

c) ¿Crees que el tema tratado en esta obra sigue vigente hoy en día o es algo que sólo era común en la Edad Media?

d) Si tuvieras que compararlo con alguna obra actual, ¿cuál sería y por qué? Puedes compararlo con otros poemas, canciones, películas, pinturas, etc.

Ejercicio 5 - Ejercicio 5 - Escribe tu propia jarcha.

- Puedes utilizar como modelo para tu poema las jarchas medievales vistas en clase
- También puedes utilizar otro estilo.
- Puede ser un poema sin rimas o con rimas como un rap.
- Puede ser una *jarcha* feliz, triste, enojada, etc.

ANEXO 3 – SLIDES UTILIZADOS PARA A ATIVIDADE

Ejercicio 1

1-¿Cuáles de las siguientes imágenes tienen relación con la cultura española y cuáles no?

Cumbia



Salsa



Flamenco



Paella



Sushi



Tortilla de patatas



Burritos



La tomatina



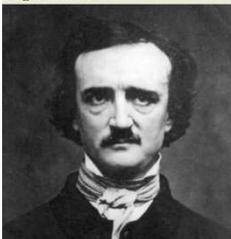
Día de los Reyes Magos



Las fallas



Edgar Allan Poe



Miguel de Cervantes



Franz Kafka



Pablo Picasso - Autorretrato



Salvador Dalí - La persistencia de la Memoria (1931)



Leonardo da Vinci - Mona Lisa



Rosalía



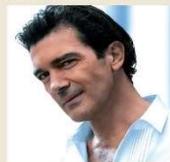
Shakira



Messi



Antonio Banderas



Mago de Oz



Tyler James Williams



Goku (Dragon Ball)



Batman



Mortadelo y Filemón



Machu Picchu



Iglu



Mezquita



Gran Esfinge de Guiza





Alhambra



La gran muralla



Antigua mezquita convertida en iglesia



Mihrab



Giralda



Medina Azahara

Palacio de la Aljaferia



Coliseo



Península Ibérica actual



De Hispania a Al-Ándalus



→ 476 d.C - Caída del Imperio Romano (cristianos/latín)



476 d. C. - Conquista visigoda de la Península Ibérica (PI) (cristianos/latín)



→ 711 conquista árabe de la PI (musulmanes/árabe)



De Hispania a Al-Ándalus

- Escasa resistencia entre la población hispanogoda
- En siete años consiguen someter la PI excepto el Norte (Cordillera Cantábrica)
- Ocho siglos de presencia árabe en la PI



Transformación de la PI

A todos los niveles:

- política: dominio árabe musulmán
- religión: Islam
- lingüístico: árabe

Los cristianos en tierras árabes: mozárabes = arabizados

Lengua mozárabe evolucionada del latín e influenciada por el árabe

Tolerancia inicial: convivencia de las tres culturas

- cristiana (lenguas romances derivadas del latín)
- judía (lengua hebrea)
- musulmana (lengua árabe)



Etapas de Al-Ándalus



- Los siglos de conquista árabe dejaron una gran herencia en la PI y en la España actual.
- En casi todos los ámbitos: arquitectura, técnicas agrícolas, filosofía, religión, gastronomía y también en el lenguaje
- Los arabismos son el 8 % de la lengua española



Ejercicio 2

A) ¿Conocen estas palabras? ¿Cual seria la traducción en portugués?

albóndiga
alfombra
algodón
alquiler
alcohol
alfajor
naranja
sandía
zanahoria
aldea
almacén

Ejercicio 2

Traducción al portugués

albóndiga (almôndega)
alfombra (tapete)
algodón (algodão)
alquiler (aluguel)
alcohol (álcool)
alfajor (alfajor)
naranja (naranja)
sandía (melancia)
zanahoria (cenoura)
aldea (aldeia)
almacén (armazém)

Ejercicio 2

B) La mayoría de estos arabismos tienen algo en común, ¿sabes qué?



الكحول



- Los arabismos mencionados anteriormente comienzan con “al”
- Es el artículo en idioma árabe: ال.
- Llega al español como parte del sustantivo como sílaba inicial, pues así fue interpretado.

عيد مبارك

Español	Àrabe	Portugués
albóndiga	(al-bunduqa)	almôndega
alfombra	(al-hanbal)	tapete
algodón	(al-qutun)	algodão
alquiler	(al-kirā)	aluguel
alcohol	(al-kohol)	álcool
alfajor	(al-hasú)	alfajor
naranja	(naranġa)	laranja
sandía	(sindiyya)	melancia
zanahoria	(isfannariya)	cenoura
aldea	(al-day'ah)	aldeia
almacén	(al-majzan)	armazém

Ejercicio 3

- a) ¿Qué lengua hablaban los habitantes de la Península Ibérica antes de la conquista árabe?
- b) ¿Qué religión tenían?
- c) ¿Qué religión tenían los conquistadores árabes?
- d) ¿Qué lengua hablaban estos habitantes de la Península Ibérica tras la conquista árabe?
- e) ¿Alguien sabe qué lenguas hablaban los pueblos originarios de Brasil antes de la colonización?
- f) ¿Siguieron hablando esas lenguas después de la colonización?

عِيدٌ مُبَارَكٌ

3

- Parte de los cristianos de la Hispania visigoda se refugiaron en la región norte de la PI: hablaban romance (latín)
- Otros cristianos se quedaron en Alandalus: los Mozárabes (romance)
- Bilingüismo en árabe y lengua mozárabe

والفرجة عبارة عن الفعل الأخير من الوشح . والشرط فيها أن تكون حجاجية من قبل السخف ، قزمانية من قبل اللحن ، حارة معرفة ، حادة منضجة ، من الفاظ العامة ولفات الدهمة¹ . فان كانت معرفة الالفاظ ، منسوجة نيل منوال ما تقدمها من الايات والاقفال ، خرج الوشح من أن يكون بوشحا . اللهم إلا أن كان موشح مدح وذكر الممدوح في الفرجة فانه يحسن أن تكون الفرجة معرفة . كقول ابن بتي:

أنا يحيى سليل الكرام
واحد الدنيا ومعنى الأنام

- Árabe lengua dominante en el ámbito político y cultural (escrita)
- Lengua mozárabe utilizada en contextos informales (oral)
- Registrada en pequeñas estrofas o estribillos que se encuentran al final de poemas en árabe llamados moaxajas

3



والفرجة عبارة عن الفعل الأخير من الوشح . والشرط فيها أن تكون حجاجية من قبل السخف ، قزمانية من قبل اللحن ، حارة معرفة ، حادة منضجة ، من الفاظ العامة ولفات الدهمة¹ . فان كانت معرفة الالفاظ ، منسوجة نيل منوال ما تقدمها من الايات والاقفال ، خرج الوشح من أن يكون بوشحا . اللهم إلا أن كان موشح مدح وذكر الممدوح في الفرجة فانه يحسن أن تكون الفرجة معرفة . كقول ابن بتي:

أنا يحيى سليل الكرام
واحد الدنيا ومعنى الأنام

Moaxaja
(árabe)

Jarcha
(romance - mozárabe)

Jarcha en grafía árabe original

1 يا فاتن افاتن
وش ينتراذ
كنذرجالش كازذ

Traducción al español

3 ¡Oh seductor, oh seductor!
Entra aquí
cuando el celoso duerma.

Lectura en romance

2 Yā fātin a fātin
oš entrāḍ
kand o ŷiloš kedeḍ

Ejercicio 4

La hoja de actividades contiene una jarcha, debéis leerla y responder las siguientes preguntas

- De qué tema trata el poema?
- ¿Qué pensaste o sentiste cuando leiste el poema?
- ¿Crees que el tema tratado en esta obra sigue vigente hoy en día o es algo que sólo era común en la Edad Media?
- Si tuvieras que compararlo con alguna obra actual, ¿cuál sería y por qué? Puedes compararlo con otros poemas, canciones, películas, pinturas, etc.

Sobre las jarchas

- Los manuscritos con los poemas fueron encontrados en el Cairo (1894)
- Principal fuente de investigación de la lengua mozárabe
- Escritas con grafía árabe
- Múltiples interpretaciones
- Suelen tratar del amor
- Reflejan voces femeninas
- Expresan sus aflicciones amorosas a sus amados o a otras mujeres



Ejercicio 5 - Escribe tu propia jarcha

- Puedes utilizar como modelo para tu poema las jarchas medievales vistas en clase
- También puedes utilizar otro estilo.
- Puede ser un poema sin rimas o con rimas como un rap.
- Puede ser una jarcha feliz, triste, enojada, etc.



Ejemplo: "Me despierto y tú no estás, El vacío en el pecho es una carga. Te fuiste y no volverás, Y me quedo herido"

Gracias



Referencias

AMORES PERÉZ, Raül. Las jarbas. (II). La lírica árabe vulgar y tradicional en Al-Ándalus. *LenguayLiteratura*RAP, 2015. Disponible en: <<https://lenguayliteratura.blogspot.com/2015/03/las-jarbas-ii-la-lirica-arabe-vulgar.html>>. Acceso en: 03/03/2024.

ARIZA, Manuel. El Romance en Al-Ándalus. In: CANO, R. A. (Coord.). *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel, 2005. p. 207-235.

CANO AGUILAR, Rafael. *El español a través de los tiempos*. Arco/libros, 1988.

CENNAME, Aime. *Las jarbas romances: Voces de la Iberia medieval*. 2018. Tesis (Doctorado en Ciencias Humanas y Sociales) - Facultad de Humanidades, Departamento de Filología, Universidad de Almería. Almería, p. 324. 2018.

CORRIENTE, Federico. El Elemento Árabe en la Historia Lingüística Peninsular: Actuación Directa e Indirecta. Los Arabismos en los Romances Peninsulares (en Especial, en Castellano). In: CANO, R. A. (Coord.). *Historia de la lengua española*. Barcelona: Ariel, 2005. p. 185-206

CHICOTE, Gloria Beatriz. *Moaxajas, Jarbas y Zéjeles Una Poesía, dos mundos*. 2016.

LAPESA, Rafael. *Historia de la Lengua Española*. 9. ed. Madrid: Gredos, 1981.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MELLADO RODRÍGUEZ, J. La lengua de los mozárabes. Otra lectura de las fuentes. *Collectanea Christiana Orientalia*, v. 15, p. 119-156. 2018.

DECEI -Diccionario etimológico castellano en línea. 2024.

